



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

JANIELLY FIRMINO FERNANDES BARBOSA

**O CORPO FEMININO AFROBRASILEIRO E A DANÇA SAMBA: TENSÕES
ENTRE APRENDIZAGEM, PROFISSÃO E HIPERSEXUALIZAÇÃO**

NATAL/RN

2023

JANIELLY FIRMINO FERNANDES BARBOSA

**O CORPO FEMININO AFROBRASILEIRO E A DANÇA SAMBA: TENSÕES
ENTRE APRENDIZAGEM, PROFISSÃO E HIPERSEXUALIZAÇÃO**

Artigo apresentado à banca, como requisito obrigatório, para obtenção do título de Licenciada em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientador: Prof. Dr. Marcilio de Souza Vieira.

NATAL
2023



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Permite que outros distribuam, remixem, adaptem e desenvolvam seu trabalho, mesmo comercialmente, desde que creditem a você pela criação original. Link dessa licença: creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode

ficha catalográfica

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Barbosa, Janielly Firmino Fernandes.

O corpo feminino afrobrasileiro e a dança samba: tensões entre aprendizagem, profissão e hipersexualização / Janielly Firmino Fernandes Barbosa. - Natal, 2023.
61f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes, Curso de Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Marcilio de Souza Vieira.

1. Ensino-aprendizagem - Dança - Samba - Passistas - Corpo Feminino Negro. 2. Corpo feminino afrobrasileiro - Samba - Aprendizagem - Profissão - Hipersexualização. I. Vieira, Marcilio de Souza. II. Título.

RN/UF/BSDEART

CDU 78.067.26:316.647.8

Elaborado por Josiane Mello - CRB-15/570

JANIELLY FIRMINO FERNANDES BARBOSA

**O CORPO FEMININO AFROBRASILEIRO E A DANÇA SAMBA: TENSÕES
ENTRE APRENDIZAGEM, PROFISSÃO E HIPERSEXUALIZAÇÃO**

Artigo apresentado à banca, como requisito obrigatório, para obtenção do título de Licenciada em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientação: Dr. Marcílio de Souza Vieira

Aprovado em 06/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcilio de Souza Vieira (Orientador - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Prof(a). Dr^a Renata Celina de Moraes Otelo (Membro externo - Secretaria Municipal de Educação de Natal)

Prof(a). Dr^a Raqueli Biscayno Viecili (Membro externo - HUOL - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

**O CORPO FEMININO AFROBRASILEIRO E A DANÇA SAMBA MADE IN
BRAZIL: TENSÕES ENTRE APRENDIZAGEM, PROFISSÃO E
HIPERSEXUALIZAÇÃO**

**THE AFRO-BRAZILIAN FEMALE BODY AND THE SAMBA DANCE: TENSIONS
BETWEEN LEARNING, PROFESSION AND HYPERSEXUALIZATION**

JANIELLY FIRMINO FERNANDES BARBOSA

RESUMO

Este trabalho versa sobre a relação do corpo feminino afrobrasileiro e a dança, trabalhando a associação entre a dança samba exercida pelas passistas e a hipersexualização do corpo feminino negro fortemente marcada no imaginário da sociedade brasileira. A pesquisa tem como objetivo refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem do samba de passistas-show, assim como fazer um breve levantamento histórico sobre o samba, refletindo como o corpo feminino da passista é visto nessa dança a partir da fala das entrevistadas. A metodologia utilizada parte da pesquisa de natureza qualitativa descritiva sob o viés do estudo de caso. A pesquisa também tratará sobre as experiências consideradas de aprendizagem das passistas de samba entrevistadas e minha própria experiência como passista-show.

Palavras-chave: corpo; dança; ensino-aprendizagem; passistas; objetificação.

ABSTRACT

This work deals with the relationship between the Afro-Brazilian female body and dance, working on the association between the samba dance performed by passistas and the hypersexualization of the black female body, which is strongly marked in the imagination of Brazilian society. The research aims to reflect on the teaching-learning process of samba by passistas-show, as well as to make a brief historical survey about samba, reflecting how the female body of the passista is seen in this dance from the speech of the interviewees. The methodology used starts from the descriptive qualitative research under the bias of the case study. The research will also deal with the considered learning experiences of the interviewed samba dancers and my own experience as a show dancer.

Keywords: body; dance; teaching-learning; dancers; objectification.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado de “Corpo feminino afrobrasileiro e a dança samba: tensões entre aprendizagem, profissão e hipersexualização” é uma contribuição no campo das artes da cena, em particular a Dança, para uma reflexão sobre a hipersexualização, o assédio e a objetificação sofrida pelas passistas afrobrasileiras do samba no Brasil; bem como suas consequências, quais sejam: o assédio e a objetificação dessas profissionais, além da

problematização desse estereótipo criado da “mulher negra como atração turística” no Brasil. Aqui também será estudado sobre como é o processo de aprendizagem do samba das passistas.

Com tais reflexões almejo aqui possibilitar que essas profissionais se sintam confiantes em denunciar procedimentos pejorativos, situações antiéticas e violências, para que sejam reconhecidas pelo seu profissionalismo e dedicação a cultura e a arte. Tal pesquisa pode colaborar para **problematizar, gerar reflexões sobre** o preconceito da imagem de passista associada à prostituição ou à sexualização exacerbada no imaginário da sociedade brasileira.

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem do samba de passistas-show, assim como fazer um breve levantamento histórico sobre o samba, refletindo como o corpo feminino da passista-show é visto nessa dança a partir da fala das entrevistadas. Dessa maneira, o estudo tem a intenção de refletir sobre esse corpo midiático tendo como contribuição uma possível conscientização da mídia presente nas transmissões dos desfiles, para que eles não venham a usar enquadramentos que atribuam valores pejorativos aos corpos dessas mulheres. Vale ressaltar o vínculo pessoal que possuo com o tema através da minha vivência como passista-show de shows de dança brasileira no exterior¹ em shows brasileiros². Segundo Pereira (2018), as passistas-show ou mulatas³-show é uma denominação utilizada pelos empresários para a contratação de mulheres que dançam o samba em casas de espetáculos.

Além dessa experiência, essa pesquisa pretende trazer o relato de algumas passistas afro-brasileiras que exercem essa função no Brasil e no exterior, tanto passistas-show como passistas de escola de samba. Para tanto, a abordagem metodológica é de natureza qualitativa descritiva e o método consiste em um estudo de caso com entrevistas e com questionário programado a 5 profissionais do samba, todas elas passistas de escola de samba e passistas-show com o intuito de recolher material (fotos, vídeos e etc).

De acordo com Pereira (2019), passista é uma expressão usada para designar as/os que desfilam nas agremiações, sejam componentes frequentes ou não. São as/os que passam pela Avenida. A autora citada continua dizendo que nos diferentes dicionários, a palavra “[...] está associada a homens e mulheres que dançam o samba, embora também seja usada para falar dos brincantes de frevo” (PEREIRA, 2019, p. 16). Para Ligiéro (2011) citado por Pereira (2019) a expressão é carregada de ancestralidade, sociabilidade, saberes passados de geração

¹ Shows na Turquia, de maio a novembro de 2019.

² Shows como passista em Foz do Iguaçu, de dezembro de 2019 a março de 2021.

³ O termo vem sendo questionado por grande parte dos movimentos negros no Brasil. “Os movimentos negros brasileiros (Geledés, Afronta, Blogueiras Negras, ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, por exemplo) têm uma posição bastante clara sobre a utilização dos termos: não os aceitam, já que relembram incessantemente um passado de traumas e violências no qual sua situação social e racial era classificada a partir de teorias ocidentais racistas por homens brancos que ocupavam postos de autoridade política e intelectual” (SILVA, 2018, p. 76)

para geração e a expressão de uma cultura eminentemente brasileira, que reúne um complexo de manifestações que envolvem o samba, especialmente o produzido na cidade do Rio de Janeiro.

Pereira e Oliveira (2020) ao utilizar o termo passista-show remetem-se a entrevista feita por eles com o sambista Valci Pelé que diz que há dois tipos de passista: os que possuem presença de palco, noção de espaço e conhecimento corporal para apresentações (não necessariamente exímios sambistas do samba rasgado), denominados “passistas-show”; e os que sambam na quadra e assumem um compromisso de ensaios e desfiles com suas agremiações. Para o entrevistado de Pereira e Oliveira (2020) o/a passista-show reúne a capacidade técnica do samba/dança e a desenvoltura no palco. Alguns têm facilidade e se desenvolvem, pois têm talento, outros estão só com a perspectiva de desfilar (Valci Pelé, 2020, informação verbal. In: PEREIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 763).

Para Toji (2006, p. 22) a figura do passista não foi sempre presente nos carnavais, este personagem começou a surgir nos anos de 1950, “No começo, os passistas eram pessoas de desenvoltura corporal escolhidas aleatoriamente entre os componentes da escola [...]” (TOJI, 2006, p.22). A autora diz que o passista na escola de samba tem como função alegrar o público com sua dança, seu samba no pé, tanto na avenida como nos ensaios de quadra, fazer com que as pessoas que estão assistindo, queiram participar da festa, queiram brincar e samba. Toji (2006) acredita que ninguém é passista simplesmente por querer ser, é sempre necessário que outra pessoa o reconheça como tal, e dê o título de passista.

A pesquisa de natureza qualitativa descritiva objetiva avaliar características de uma determinada situação descrevendo o estado e/ou comportamento do objeto estudado. Nessa metodologia valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o lugar e a situação a ser estudada, prezando mais o processo de estudo do objeto do que o produto (GODOY, 1995). Este estudo corrobora com as reflexões de Creswell (2007, p. 186) sobre a pesquisa de natureza qualitativa quando diz que “[...] na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos”.

Pretende-se contextualizar aqui o papel da mulher na sociedade e diversos aspectos das desigualdades que persistem entre os gêneros feminino e masculino. Isso deve-se à sociedade patriarcal brasileira que ao longo dos anos entendia o homem como provedor e a mulher como dependente dele. Embora, atualmente as mulheres tenham ganhado independência financeira e conquistado seu lugar no mercado de trabalho, ainda não há uma igualdade de gênero. Um dos problemas dessa cultura patriarcal vigente ainda hoje é a objetificação sexual feminina.

Objetificação é transformar um ser em objeto, anulando o emocional e o psicológico

do ser, retirando-o da sua posição de sujeito, com seus próprios desejos e vontades, transformando-o em um objeto passivo de receber ações de outros. “Assim, objetificação sexual feminina seria o processo de representar ou tratar a mulher como um **objeto sexual** que serve somente para dar prazer sexual ao outro retirando da mulher sua sexualidade a objetificando”. (ARTEMENKO; BREGAGLIA; LOURENÇO, 2014, p.25).

A objetificação sexual feminina está presente em vários contextos, dentre os quais destacam-se: a mídia, a publicidade, os *games*, o cinema, clipes musicais, revistas e entretenimento de modo geral. No contexto da dança samba as principais causas que levam a objetificação são: a sensualidade, os figurinos *seminus*, os acessórios brilhantes e os enquadramentos das câmeras das redes televisivas de transmissão dos desfiles. Todos são fatores que influenciaram na construção do imaginário social em relação à essas mulheres que dançam o samba, atribuindo a essa forma de manifestação artística rótulos geralmente pejorativos que desconsideram a manifestação artística em si, reforçando o imaginário da sociedade de que aquela pessoa está disponível⁴. De acordo com Pinheiro (2017, p. 41): “[...] a visibilidade e exposição fazem parte da arte e cultura do carnaval, e não significam disponibilidade num sentido sensual e sexual”.

A visibilidade pressupõe, nesse sentido, uma atração para a performance artística, ligado ao contexto do carnaval e não a uma disponibilidade para além do ofício de passista. Neste sentido, a presente pesquisa traz a questão para uma abordagem política e educativa contribuindo para romper com violências históricas atribuídas ao corpo feminino negro no carnaval.

Este TCC está organizado em dois subtópicos, além de uma introdução e considerações finais. No primeiro subtópico tratamos de um breve levantamento histórico sobre o samba e do corpo feminino nesta dança e no subtópico dois contamos sobre as experiências consideradas de aprendizagem das passistas de samba entrevistadas e minha própria experiência como passista-show.

1. ENTRELACES ENTRE HISTÓRIA DO SAMBA E O CORPO FEMININO DA PASSISTA-SHOW

Este subtópico apresenta brevemente o histórico da dança samba a fim de contextualizar sobre o corpo feminino negro nesse movimento cultural.

1.1 Pequena história do samba

O samba foi trazido para o Brasil por escravos originários principalmente da Angola e do Congo. O termo “samba”, inicialmente, se aplicava a qualquer batuque de aspecto

⁴ Ser passivo às ações dos outros ignorando suas próprias vontades.

africano. Suas origens estão relacionadas com as rodas de dança, realizadas pelos escravos africanos, nas senzalas. Em suas pesquisas Sodré (1998) cita algumas danças negras: “Dentre as danças negras citam-se o sorongo, o alujá, o quimbête, o cateretê, o jongo, o chiba, o lundu, o maracatu, o coco de zambé, o caxambu, o samba (rural de roda, de lenço, partido-alto e etc.), bambelô, batuque e outras” (IDEM, p.29).

A mistura dos costumes e cultura tornou os batuques menos ostensivos, levando a população preta a buscar novas táticas de preservação e da continuidade de suas práticas culturais. Assim, as músicas de origem africana transformavam-se perdendo alguns elementos e adquirindo outros. Deste modo, a partir do final do século XIX é perceptível uma articulação entre o lundu, o maxixe e o samba. Nessa época o que vem a ser um gênero da música brasileira começa a se esboçar com o lundu, a modinha e sua sincopação. Assim, o lundu passa a se tornar o primeiro ritmo afro-brasileiro urbano aceito pela sociedade branca.

No Rio de Janeiro era comum que pessoas pretas organizassem festas ou reuniões familiares que entrecruzavam bailes e temas religiosos a fim de reforçar as suas próprias formas de sociabilidade, padrões culturais e religiosidade. Esses encontros de dança (samba) e rituais religiosos (candomblé) ocorriam nas casas, que pertenciam predominantemente a famílias baianas. Os representantes dessas casas eram conhecidos como *tios* e *tias*. Foi nessa atmosfera que surgiram os primeiros sambas.

Um desses lugares de resistência, preservação e manutenção da tradição cultural africana, de acordo com Sodré (1998), era a casa da Tia Ciata (ou Aceata). Na parte da frente da casa se realizavam músicas e danças mais aceitas e reconhecidas pela sociedade da época a fim de camuflar as atividades nos fundos da casa que eram as batucadas e os sambas. Lá surgiu *Pelo Telefone*, uma composição de Donga e Mauro de Almeida, o primeiro samba gravado. A partir dessa casa, o samba ganhou as ruas e avenidas, esses novos lugares de concentração eram no bairro da Saúde e na Praça Onze, no Rio de Janeiro.

Com o tempo essa manifestação foi se transformando em passeatas/procissões inspirados nos pastoris e ternos nordestinos, cucumbis, cordões. Essas marchas aproveitaram a festa europeia do Carnaval para fazer dos cordões uma estratégia de penetração e autoafirmação através da dança e da música, da cultura negra no espaço urbano. Esses eram conhecidos como ranchos carnavalescos, posteriormente chamados de rancho-escola com menos características negras nos cordões.

Em 1923 surgiram as escolas de samba (no começo, apenas blocos), a partir dos ranchos-escola mantendo as mesmas características (passeata, porta-bandeira, mestre-sala, orquestra, etc.). Nesse momento as mulheres começaram a conquistar um espaço próprio nos desfiles de carnaval e estavam presentes na ala das baianas e na ala das pastoras. Com o tempo, as mulheres conseguiram ocupar outros postos mais relevantes nos desfiles das escolas

de samba, a exemplo de Dagmar da Portela que foi a primeira mulher a sair na bateria, em 1939 (BARIFOUSE, 2020).

Refletindo sobre a trajetória do samba desde os primórdios é perceptível perceber a grande predominância de figuras masculinas nos documentos históricos, restringindo a participação das mulheres a figuras coadjuvantes nesse processo, apesar de haver relatos de pessoas presentes nesse meio que comprovem a atuação das mulheres em posições relevantes para a construção da história do samba.

[...] a partir da história da escola de samba Império Serrano, que havia mulheres extremamente atuantes na fundação da agremiação, em 1947, cujos nomes sequer constam na ata de criação. No entanto, os de seus maridos estão lá, mesmo que não se envolvessem com tanto afinco nas atividades como suas companheiras. (VALENÇA & VALENÇA apud PEREIRA, 2021, p. 02)

O palco, as composições, as rodas de samba e o prestígio eram espaços dominados por homens. As mulheres não tinham vez no samba e sua importância era minimizada, aparecendo nas letras como musas, sedutoras, vagabundas ou traíras. Mesmo com tanto empecilho e repressão as mulheres deixaram sua marca na história do samba como Tia Ciata, Dona Ivone Lara, Tia Surica (da Portela), Dona Zica (da Mangueira) e tantas outras.

Em meio a esse cenário é inevitável questionar se o espaço da mulher no samba teria se limitado à exposição estética seja como baiana, porta-bandeira, como destaque ou como passista, o que remete a um problema estabelecido na sociedade brasileira e patriarcal, a de que a mulher está destinada a ter méritos referente à beleza e não a sua inteligência.

Não é só beleza que torna essas mulheres fortes no samba. Podemos citar exemplos de porta-bandeiras que conquistaram seu lugar na escola de samba pelo seu trabalho como Neide da Mangueira que nas décadas de 1960 e 1970 foi considerada uma das melhores do quesito ao lado da também grandiosa Vilma Nascimento, Dodô da Portela, Maria Helena (Imperatriz Leupodinense), Maria Gilza (Rosas de Ouro), Eneidir Gomes (Mocidade Alegre e Vai-Vai), dentre outras e passistas como Maria lata d'água (Maria Mercedes) uma das primeiras passistas a fazer sucesso nacional, se tornando símbolo da folia carioca; Paula do Salgueiro, responsável pelo surgimento do termo passista; Pinah (Beija-Flor de Nilópolis), Narcisa da Salgueiro, Gigi da Mangueira, Adele Fátima (Mocidade Independente de Padre Miguel), Nega Pelé (Marisa Marcelino de Almeida), Nãñãna da Mangueira, Soninha Capeta (Beija-Flor), Nilce Fran (Portela e Viradouro), dentre outras.

Exemplos de força e superação, as passistas carregam consigo os fundamentos que fazem do samba não só um ritmo musical, mas um ritmo de dança. Sempre jogadas em segundo plano ou tratadas como meros símbolos sexuais, a ginga dessas dançarinas da nossa folia deve ser valorizada e não viver escondida atrás dos carros de shows, servindo apenas para tapar buraco quando a bateria entra no recuo. A força e dedicação de meninas que ainda

hoje fazem do samba sua vida e sua escola são verdadeiras "Passistas Samba no Pé".

1.2 O corpo feminino da passista-show

As passistas de escola de samba geralmente são pessoas da comunidade que crescem nas quadras de escolas de samba, são levadas pelos próprios parentes desde a infância. Na entrevista as passistas Lívia Costa⁵ e Tati Jackson⁶ relataram ter crescido no meio do samba. Tati Jackson falou que a família sempre frequentou as rodas de pagode e de samba e que sempre iam juntos ver os desfiles da escola de samba. Lívia Costa relata que veio de uma família de artistas, o pai, o irmão, os tios e os filhos são músicos em uma casa de show latino em Foz do Iguaçu - PR. Elas têm esse ambiente como um lugar seguro e de respeito, onde podem se divertir, se aperfeiçoar na sua profissão, praticar sua arte, estar em contato com a sua cultura e ancestralidade.

A fala de Rubiana⁷ (foto 1), apesar de não ter nascido em berço de samba, é a prova viva disso. Quando a questioneei na entrevista como era a interação dela com os componentes, da escola de samba nos ensaios, ela respondeu:

As escolas de samba são engraçadas. Como eu estava falando na resposta anterior, é um acolhimento, quando você vira, você se torna, você pega um cargo à frente da bateria, sabe! Você construir aquilo ali, tem que participar dos ensaios, você tem que se dedicar a escola, as pessoas ficam esperando ver como você vai chegar no ensaio, como é que você vai se portar, como você vai abraçar a comunidade. Acaba virando uma coisa de comunidade mesmo. E aí, as pessoas vão se apegando a você e você também vai acabar se apaixonando por isso. E se você se torna uma passista responsável, um exemplo, se você pega um cargo de rainha; você se torna uma rainha de bateria responsável; que está em todo ensaio; que tá perto da comunidade... eles te acolhem de uma forma que você se apaixona reciprocamente por eles. É muito top. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

Foto 1: Rubiana Carvalho carnaval de Manaus musa da bateria da Vila da Barra

⁵ Lívia Costa Santos

⁶ Thatiana de Oliveira Andrade

⁷ Rubiana Carvalho Maranhão



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Segundo Pereira (2018) é fora desse espaço onde o problema geralmente aparece, é onde as passistas são assediadas, em geral, por figuras masculinas. De acordo com relatos das entrevistadas, o número maior de assédio é fora da escola, no entanto, dentro da escola de samba existe também, sendo praticado por pessoas com uma certa relevância e influência na agremiação o que as faz terem receio de denunciar.

Sobre assédio na escola de samba, Rubiana e Tati responderam que acontece,

Dentro e fora. Dentro sempre tem, principalmente quando é... Já aconteceu de presidente de escola vir com esse assédio em cima, ou seja, “carne nova” “preciso ter essa preta” “quero essa preta”. Aí começa a fazer várias propostas, começa a te oferecer outros cargos, enfim. Sempre rola, dentro e fora da escola, aonde você for. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

[...] Eu já fui assediada pelo meu proprio mestre de bateria, que foi um grande idiota [...] ele até já saiu e tudo, saiu devido a algumas situações e depois algumas pessoas relataram o assédio, que não era só comigo, era com outras mulheres também. Então eu vinha com meu short branco pra ensaiar, porque a gente tinha que ir bonita, viçosa, a gente é vitrine, o corpo chama atenção e ele o tempo todo “ai que shortinho delicioso” “ai que shortinho é esse” “com esse short você me mata” coisas assim desse tipo bem vulgar “nossa se eu te pego” “vontade de morder sua bunda”. Eu não escutei isso só dele, mas de vários outros homens também. [...] Então você fica meio acuada, porque essas pessoas que vinham fazer isso comigo são pessoas importantes daquela escola. Então às vezes você arrumar confusão, arrumar uma briga, denunciar, levar à polícia é capaz de você nem tá mais naquela posição. É capaz de você ser... não que você vai ser retirada, mas de repente acontecer alguma situação e as pessoas não querem que você fique porque você tá falando de todos, porque não é só um homem que faz isso é desde presidente a mestre a outras pessoas também é muita gente envolvida. O mundo do samba infelizmente... o samba é lindo, mas o mundo do samba é podre [...] as mulheres têm inveja, as mulheres não apoiam outras

mulheres, as mulheres têm ciúmes. Porque você é bonita elas não querem ficar do seu lado. Então ficam com raiva porque sabem que de repente o marido vai olhar [...] Então a forma que eu lidava em relação a isso é fingir demência, fingir que não escutei, não dava risadinha quando acontecia isso, eu sabia que era uma cantada, eu ficava bem na minha, séria, as vezes não dava para eu mandar ir a merda (que já senti bastante vontade) mas era meu próprio mestre e a mulher dele estava ali o tempo todo, esse mestre tinha uma mulher. O presidente também tinha uma mulher que era super ciumenta também, muito doentia ciumenta. Então se você for falar elas vão falar que você tá dando em cima, às vezes as próprias mulheres não são unidas, mulher não é unida com mulher. [...] Se eu abrisse a minha boca era capaz de ser espancada ali “ah você tá dando em cima do meu marido” “alguma coisa você falou pra ele tá falando gracinha” “você deu brecha”. [...] (TATI JACKSON, 2023, entrevista)

Como passista-show, em uma empresa em Foz do Iguaçu/PR, passei por uma situação de assédio sexual⁸ com alguém de cargo superior ao meu. O assédio⁹ foi protagonizado pelo gerente geral da empresa na oferta de trabalho como *stripper*.

Ainda sobre assédio pelo modo de se vestir das passistas, pelo rebolado e gingado, Rubiana Carvalho, Livia Costa, Érica Alves¹⁰ e Thatiana Jackson responderam que lidam com isso quando estão trabalhando e pós trabalho.

Sempre acontece. Ainda mais pelo... As pessoas tem mania de confundir os trajes que a gente usa para sambar. Eles não separam o lado profissional eles só querem saber que “poxa a bunda dela está aparecendo” “o traje dela é desse jeito”. Eles já veiculam automaticamente o nosso trabalho a outra coisa. A prostituição, por exemplo, eles veiculam ao trabalho que eu faço. Seja ele de passista ou de bailarina eles acabam vinculando, não só os homens como as mulheres também. E essa questão do assédio sempre rola. Como eles já fazem esse vínculo, eles acham que tem o direito de fazer propostas. Já aconteceu situações comigo em relação a isso. Inclusive eu estava fazendo apresentação na casa de show e resolvi ficar um pouquinho mais no local, porque o dono do local deu uma mesa para a gente curtir um pouquinho e a gente resolveu ficar, eu normalmente não fico, mas nesse dia resolvi ficar. E nesse dia que resolvi ficar, esse rapaz começou a dar cortêsias na minha mesa e para mim foi um dia mais extremo porque esse rapaz no final... Ele mandando essas cortêsias começando a fazer propostas e eu não quis aceitar, ele começava a me puxar e aí passou um pouco do limite, achou que, pelos meus trajes que sambei no palco, ele teria o direito de fazer isso e, pelas cortêsias que ele estava mandado, de tá me puxando, me fazendo propostas, oferecendo dinheiro. E aí os meus amigos intervieram ali e os seguranças também. Mas é uma das situações, sempre tem esse tipo de assédio, principalmente dos homens e das mulheres sempre têm o julgamento. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

Eu sou assediada o tempo todo. Na nossa posição de frente de bateria o assédio é o tempo todo [...]. (TATI JACKSON, 2023, entrevista)

[...] Uma vez também aconteceu de um locutor em uma apresentação de reinado eu chegar, e eu já era bicampeã em 2020, me perguntar e dizer “Nossa Érica! E você

⁸ Constrangimento com conotação sexual no ambiente de trabalho, em que, como regra, o agente utiliza sua posição hierárquica superior ou sua influência para obter o que deseja.

⁹ Após eu ser demitida, devido à pandemia, ele manteve contato comigo em minhas redes sociais e sempre me fazia propostas aparentemente de trabalho, já que ele sabia que eu estava precisando de emprego. Quando fui pedindo mais informações sobre esse o trabalho que ele estava me oferecendo, percebi que era para ser *stripper* em uma casa de prostituição, muito conhecida na cidade, em que ele era sócio. Além disso, ele me fez outra proposta de dançar em uma despedida de solteiro do amigo dele, novamente como *stripper*. Com o tempo, ao conversar com outras pessoas sobre o ocorrido descobri que ele aliciava meninas que trabalhavam nesse mesmo estabelecimento em que eu trabalhei à fazer programa. Eu até então mantinha contato com ele pois o mesmo havia me prometido que na volta das atividades da empresa me contrataria novamente, o que não aconteceu.

¹⁰ Érica Priscila Costa Alves

como está se achando em ser bi?” com um ar de deboche, de riso. Eu vi que naquele momento não foi uma pergunta de ser bicampeã e sim de ser bissexual. Aí falei “Eu amo tudo isso independentemente de você ser bissexual, de ser o que você perguntar, mas a vida é pra ser vivida e eu não tenho preconceito com nada e eu amo toda a minha trajetória e até de ser bi como você acha que você deve me perguntar” aí ele falou “Não, não estou falando sobre isso”, mas eu: “Respondi como você tinha falado” aí ele “Não, como bicampeã” eu disse “Maravilhosa”. Até minha coordenadora falou “Nossa Érica! Eu fiquei meio assim quando você olhou pra ele” eu que fiquei meio assim quando ele veio me perguntar, porque a vida é minha tem que ser vivida da forma que eu quiser, não é da forma de quem achar ou pensar que tem que ser vivida. Então assim, são certas coisas, certas piadinhas, certos deboches, certos negocinhos que gostam de cutucar você e a pessoa tem que aprender a ouvir, porque se eu fosse todo tempo tá revidando... (ÉRICA ALVES, 2023, entrevista)

As situações relatadas demonstram que as atitudes das pessoas, geralmente homens, podem ser qualificadas como assédio moral e sexual, assim como abuso de poder por cargo ocupado. Essas ações já são tipificadas na legislação brasileira.

Pelo funcionamento discursivo dos relatos de Rubiana Carvalho, Lívia Costa, Érica Alves, Thatiana Jackson e meu próprio relato (foto 2), percebo como o corpo da mulher, em profissões nas quais a exposição corporal é uma premissa da atividade, é visto com olhares opressores e sexualizado machistas de inferioridade da mulher. Nota-se nas falas das entrevistadas que a relação do seu corpo com a profissão de assistente, o associa diretamente com o assédio que recebem devido à alta exposição e visibilidade a qual se submetem devido ao perfil da profissão de assistente.

Foto 2: Jani Firmino em show na Turquia



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ano 2019

Nota-se que na fala de Livia Costa ela minimiza a situação do assédio e lembra-me situações que passei na Turquia quando fui trabalhar de passista. Ao final do show, geralmente, ficávamos disponíveis para tirar fotos com o público e nesse momento alguns, no ato do abraço para a foto, desciam a mão tentando apertar minha bunda (alguns até conseguiam), me alisavam, tentavam beijar, mas isso não era tão frequente. Em resposta, eu sempre levantava a mão da pessoa, dizia que não podia, me afastava ou virava o rosto para que não conseguisse me beijar. Depois que eu e outras meninas que trabalhavam comigo reclamamos para nossos *chefs* brasileiros, os mesmos nos orientavam para não abraçar mais as pessoas na hora de tirar foto, apenas fingir que abraçou, isso diminuiu a importunação sexual¹¹.

A partir das falas, questiono-me: Quais são os fatores que levam a esse assédio? É o corpo negro? É pelo fato de o corpo estar exposto? É a sensualidade da dança?

Gotardelo (2019) diz ser o assédio ao corpo feminino, como um fato social consequente à sociedade machista em que vivemos, acontece em muitas áreas do mercado de

¹¹ Ato de praticar ato libidinoso (de caráter sexual), na presença de alguém, sem sua autorização e com a intenção de satisfazer lascívia (prazer sexual) próprio ou de outra pessoa. Podem ser considerados atos libidinosos, práticas e comportamentos que tenham finalidade de satisfazer desejo sexual, tais como: apalpar, lambar, tocar, desnudar, masturbar-se ou ejacular em público, dentre outros.

trabalho brasileiro, mas, refletindo o comportamento social, acontece com maior frequência em profissões nas quais as mulheres exibem seus corpos. Assim, percebemos que o discurso coloca como evidente e imutável a relação entre assédio e o corpo exposto na profissão de passista, até mesmo para quem sofre as consequências desse assédio, não consegue se desvincular e questionar essa relação.

A sensualidade, os biquínis cheios de lantejoulas, os acessórios brilhantes, as sandálias de salto alto, a cabeça e o costeiro incrustado de penas e brilhantes são a construção da imagem que forma a passista (foto 3). Essa vestimenta seminua; os enquadramentos das câmeras de televisão durante as transmissões dos desfiles é que dá a conotação sexual.

Foto 3: Jani Firmino no desfile da Acadêmicos do Morro, 2023



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ano 2023

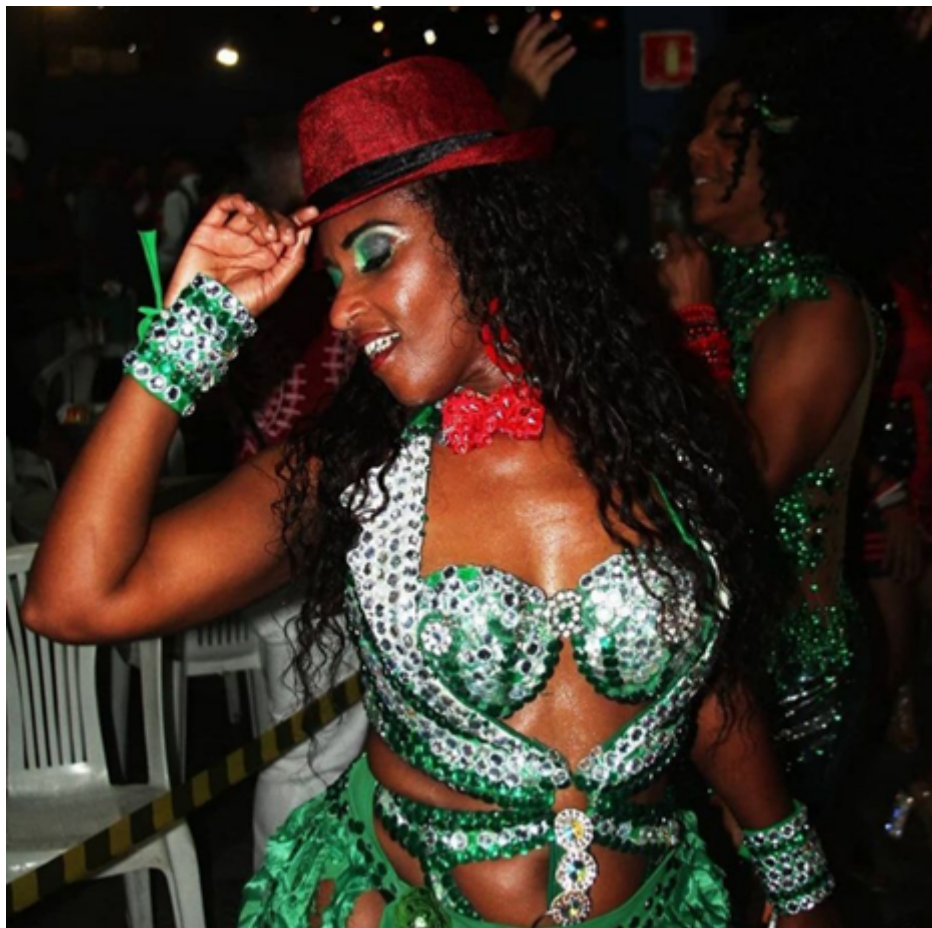
A própria indústria do carnaval que vende a festa como elemento turístico, dentre outros, são fatores que influenciaram na construção do imaginário social em relação à essas mulheres que dançam o samba, atribuindo a essa forma de manifestação artística rótulos geralmente pejorativos que desconsideram a manifestação em si. De acordo com Pinheiro (2017, p. 41) “a visibilidade e exposição fazem parte da arte e cultura do carnaval, e não significam disponibilidade num sentido sensual e sexual”.

Desde o tempo da escravidão no Brasil há uma relação entre a mulher e o apelo erótico, nesse período essas mulheres eram obrigadas a terem relações sexuais com seus senhores. Isso acarretou para a nossa sociedade projeções de rótulos machistas e racistas que, de acordo com Pereira (2018, p.09) traduz as mulheres negras sendo mais “quentes”, portanto, “mais sexualizadas”.

Na entrevista, questionei Tati Jackson (foto 4) sobre o racismo no meio da dança. Ela falou que já perdeu oportunidades de trabalho fora do país por não ter a altura, a estrutura de corpo e principalmente a cor de pele desejada pelos contratantes e que no Brasil nunca sentiu isso, ou se aconteceu ela não percebeu.

Existe sim! Quando você vai fazer uma viagem de navio, por exemplo, eles preferem a bailarina clássica, branquinha e tal, aquela coisa toda. [...] Lá fora tem muito isso, né! De tipo: você vai fazer um trabalho com dança e eles só querem as russas. Nesse aspecto também senti, especificamente Go-gos¹² e tal... (TATI JACKSON, 2023, entrevista)

Foto 4: Tati Jackson no desfile da X-9



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada. Foto Antônio Carlos, ano 2019

A fala de Tati Jackson lembra-me de quando fui à Turquia e passei por situações

¹² Go-go dancer: dançarinos que trabalham no entretenimento de festas e casas noturnas.

parecidas. Meu grupo, o *The Tropical Dance*, fazia shows, *workshops* e recepções por hotéis da Turquia e esses serviços estavam inclusos no nosso contrato. Os serviços de *Go-go dancer* eram contados como dinheiro extra e nós, os brasileiros, não éramos muito chamados para trabalhar de *Go-go*, pois estávamos fora do padrão exigido que era de pessoas altas, magras, brancas, corpos tidos de modelos de passarela. Só nos chamavam quando o tema do evento era latino ou quando os russos e ucranianos não estavam disponíveis.

Relato uma outra situação que ocorreu na nossa chegada ao país turco. Nosso chefe turco (contratante) ao nos ver julgou nossos corpos e falou que estávamos gordas e que precisávamos emagrecer; caso não estivéssemos dentro daquele padrão por ele estabelecido, seríamos mandadas de volta para o Brasil. Já em nosso país éramos cobradas pelos nossos *chefs* brasileiros que entrássemos em forma, ficássemos musculosas, com bunda e coxa.

Rubiana quando questionada sobre o mesmo tema relatou que em uma audição ela foi eliminada por ser preta.

Aconteceu em uma audição que eu fui fazer, não só comigo, né! Com outras mulheres pretas que estavam comigo lá. Teve uma audição para o Balé Folclórico do Amazonas e aí nós pretas fomos eliminadas na primeira fase. Simplesmente por ser preta e eu digo isso porque não foi algo técnico de falar que todas as pretas que estivessem ali fossem ruins dançando, ou não tivesse técnica ou não fossem boas teria um motivo ok tudo bem. [...] tinha mulheres pretas que eram muito boas, bailarinas excelentes e foram eliminadas simplesmente por essa característica, ou seja, ficou para a fase final mulheres brancas, de cabelo liso. [...] Não foi questão técnica, foi realmente questão de aparência por que elas eram muito boas, inclusive melhores do que as que ficaram simplesmente porque eram brancas e de cabelo liso. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

Por outro lado, é no carnaval e em outros espaços da cultura do samba que a mulher negra é engrandecida e tem maior relevância social, enquanto, no âmbito da vida ordinária, geralmente essas mulheres trabalham em empregos poucos valorizados. Em sua grande maioria são empregadas domésticas, costureiras, vendedoras, babás, dentre outras atividades que são menos remuneradas.

A fala de Tati Jackson constata a concepção de Oliveira (2005) sobre a empregabilidade da maioria das passistas:

Sou técnica em segurança do trabalho e de meio ambiente. Porém não trabalho nessas duas áreas. Eu sempre trabalhei com o público, ou como vendedora ou como promotora de vendas, mas meu forte mesmo é promoção de vendas e dança. Sou dançarina profissional, então eu estou sempre envolvida na minha vida com a parte artística. Mesmo que eu trabalhe com outras coisas, a dança está sempre envolvida na minha vida, profissionalmente. [...]

Esses corpos negros, na maioria das vezes, não se enquadram no padrão estético estabelecido. No entanto, no período carnavalesco esse corpo vultoso ganha visibilidade, vira modelo de beleza; ele é o foco da festa, compensando sua invisibilidade social e econômica, com uma visível e indiscutível superioridade carnavalesca. A esse respeito, Oliveira (2005)

diz que esse corpo feio, grotesco, quadril largo, pés chatos e de cor preta que nunca poderia representar príncipes e princesas no balé, por exemplo, no samba são engrandecidos através da dança e da estética revidando a discriminação sofrida.

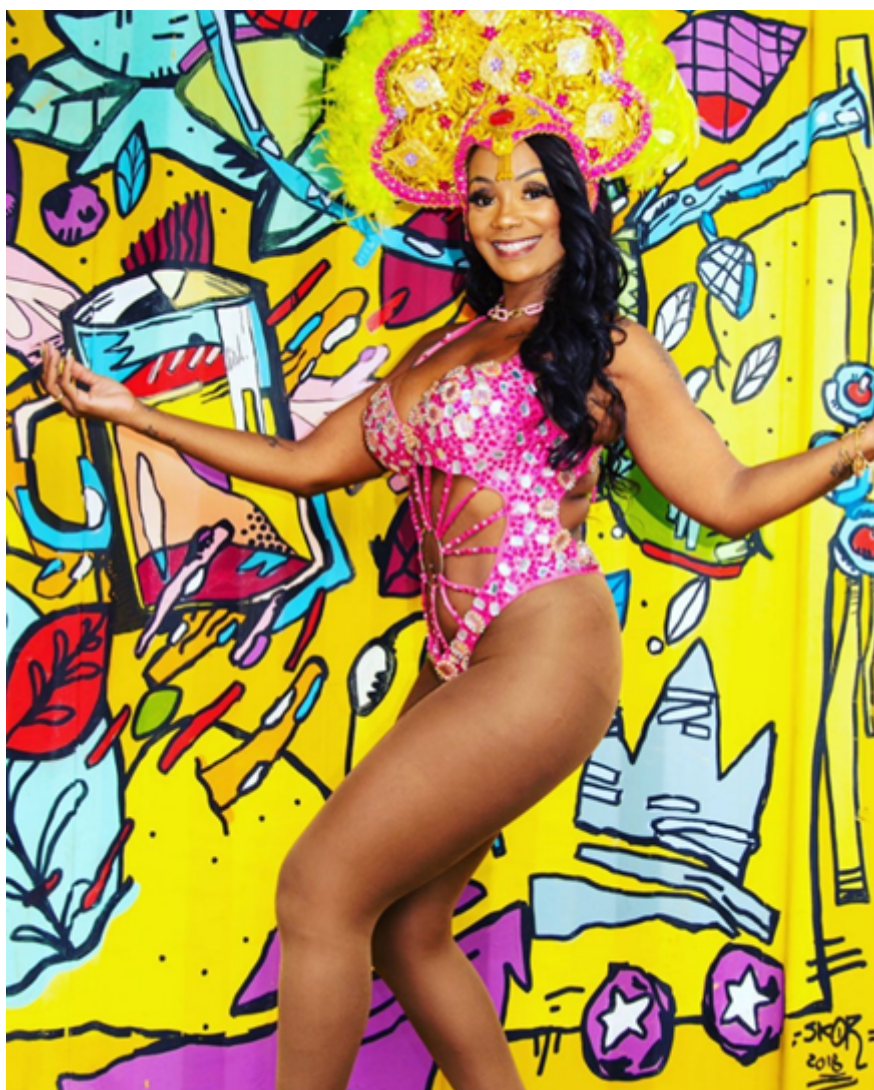
Tati Jacson ao me responder se ela tem a passista show como profissão corrobora com esse pensamento quando diz que,

Eu queria como profissão, porque profissão é aquilo que você se mantém, que você vive daquilo, não é o caso. O samba me proporcionou, graças a dança, porque eu sou dançarina profissional, não sou sambista, graças ao samba eu conheci outros países lá fora. Eu digo graças ao samba porque depois que eu entrei em escola de samba vieram os convites para fazer show de mulata lá fora do país. Então quando eu viajei pra fora do país eu podia dizer que naquela fase que eu estava viajando eu estava no samba profissionalmente porque ali eu não trabalhava mais em lugar nenhum, fui viajar pra fora pra fazer show brasileiro e ganhar. Toda vez que eu voltava pro Brasil eu voltava para a realidade, a realidade que a gente não gosta, né! Que é pegar no batente, trabalhar normalmente, pegar emprego normal, serviço normal e a dança ficava como *hobby*. Infelizmente no Brasil a cultura não é valorizada, a não ser no Rio, o Rio é o foco, no Rio de Janeiro realmente é o ano inteiro, eles vivem do samba. Em outros estados do Brasil é difícil a gente só viver de samba. Rio de Janeiro pode até ser que as mulheres as mulatas consigam porque tem muito show, muito gringo, muitas casas, muitos eventos. Em São Paulo não é bem assim, e acredito que em Minas Gerais também não é, Espírito Santo e em outros não são assim. Então eu tenho como um *hobby*, mas eu queria na verdade viver da dança mesmo, do samba.

Ao dissertar sobre a profissão de passista, Pereira (2019) faz uma distinção entre os termos “mulata-show” ou “passista-show” e passista de ala das agremiações no universo do samba e do carnaval. A autora complementa dizendo que, de modo geral, muitas passistas passam a fazer shows, mas esse não é um caminho garantido para todas porque os produtores desse tipo de espetáculo determinam alguns critérios que vão além do domínio do samba, pois envolvem características que são mais voltadas para o biotipo, como altura e formas corporais.

A partir da fala de Tati Jackson, posso concluir que a profissão de passista se restringe ao carnaval e dificilmente se é possível viver dessa profissão em grande parte do Brasil onde há casas de show que contratam mulheres para exercer a profissão de passista. A maioria das passistas que vivem do samba estão no exterior ou no Rio de Janeiro, como relatou Tati Jackson. Lívia (foto 5) e Rubiana conseguem viver da profissão, pois ambas moram em Foz do Iguaçu/PR que é uma cidade com um fluxo intenso de turistas devido ser fronteira com o Paraguai e Argentina, as mesmas, nas entrevistas, relatam que trabalham nos três países.

Foto 5: Lívia Costa - foto para fins de divulgação



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada. Foto Carlos Capevisual, ano 2022

Embora a profissão não corrobore como empregabilidade para a maioria das mulheres que são passistas show, estas se sentem empoderadas na sua atuação como passistas. Percebe-se um empoderamento adquirido por meio do samba que se dá pela vestimenta e pela dança. Quando elas entram nos espaços do samba tornam-se importantes, são aplaudidas, acarinhadas. O ambiente faz com que elas adentrem mais seguras, pois reconhecem aquele como o seu lugar. É onde são coroadas, homenageadas e um dos poucos espaços onde possuem posições de destaque.

Corroboro com o pensamento de Pires (2022) quando diz que por meio das passistas entendo que o empoderamento é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista. Assim, dançar o samba, para uma passista, é a sua manobra para desviar do caminho opressor. Com o samba, essas mulheres passistas se transformam. É como se o empoderamento estivesse guardado esperando um momento propício de ser externado.

2. SAMBA NO PÉ: A APRENDIZAGEM DO SAMBA A PARTIR DE HISTÓRIAS DE PASSISTAS-SHOW

Como já informado, neste artigo adotamos o método do estudo de caso. Para tanto, recorreremos às entrevistas das passistas-show para compreender como se deu o aprendizado da dança samba. Nesse sentido, perguntamos às entrevistadas como elas aprenderam a sambar, onde, com quem e com quantos anos, além de saber se elas têm a dança como profissão.

Vejam os extratos das falas de Rubiana Carvalho, Lívia Costa, Érica Alves e Thatiana Jackson sobre o processo de aprendizagem do samba.

Eu comecei a sambar sozinha, na verdade. Sempre... peguei amor pelo samba. Um olheiro de rua me viu, gostou, me levou, me contratou pra levar pra um navio pra trabalhar e aí por lá eu me apaixonei pelo samba e fui aprendendo sozinha. Fui sozinha, assistindo vídeo, fazendo *workshop* através de vídeos também e assim fui levando. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

Então, eu acredito muito em dom, eu já nasci com esse dom, porque minha família é toda de artista, né! Meu pai é músico, meu irmão é músico, meus tios são músicos e agora meus filhos músicos, então mais pela parte do meu pai seria possível como eu não toco, não sou musicista, eu sou bailarina, sou mulata. Eu já nasci nesse meio artístico, eu não aprendi com ninguém, nunca entrei em aula... nada! Foi de pequeninha vendo o show crescendo no meio do show e fui aprendendo. (LÍVIA COSTA, 2023, entrevista)

O samba na minha vida ele veio na verdade assim de surpresa porque eu nunca esperava, nunca imaginei que eu fosse estar dentro de uma escola de samba [...] em 2018 me fizeram essa proposta de competir no concurso da rainha do carnaval de Natal e eu meio que desacreditada não queria ir porque toda hora eu me perguntava o que eu ia fazer lá. Aí fui me preparar pra isso [...] Não entrei sozinha, tive muita ajuda, tive uma pessoa chamada Nayane Nunes que me apoiou muito, ela me ensinou muito, por que quando a gente começa a sambar a gente acha que a gente sabe demais [...] Quando eu sambava eu não sambava o samba, eu estava lá “pinotando” achando que estava sambando, mas estava só “pinotando”. Então, eu tive uma professora muito boa comigo, puxava muito minha orelha, mas aprendi muito com ela, sou muito grata a ela por isso. (ERIKA ALVES, 2023, entrevista)

Na verdade, eu não aprendi a sambar com ninguém, o samba veio de raiz, veio comigo. Eu na verdade nasci como dançarina mesmo dançando e me aperfeiçoei em *street* e ao longa da minha vida com dança, depois que eu tive o meu filho, eu vi que eu sabia sambar a minha família toda sempre foi pra pagode, normalmente os brasileiros gostam de samba, as famílias brasileiras gostam de pagode, a gente vive nisso ainda mais os negros, os afrodescendentes é mais envolvido com o gueto, o samba o pagode e isso não fogia da minha raiz com a minha família [...] Eu não sabia que eu sabia sambar, eu fui descobrir depois que eu tive o meu filho, num concurso que eu fiquei com o corpo muito bonito depois que eu tive ele, fiquei com um corpão e aquilo chamou atenção de algumas pessoas que falou “poh! porque você não participa do concurso. Era banda na verdade. E aí eu fui participar. Só que eu não sabia o que tinha que fazer pra participar do concurso. Aí falaram pra mim assim: vê o Caldeirão do Huck e vê como as mulatinhas fazem. É o quesito daquele concurso, é igual ao Caldeirão. E foi assim que eu descobri que eu realmente sabia sambar no pé, que eu sabia sambar rápido. É diferente o pagode, quando você dança samba assim devagar do quando você samba no ritmo de escola de samba e eu vi que ali eu realmente tinha jeito pra a coisa. E aquilo foi crescendo, eu fui vendo também as pessoas, fui me espelhando nas sambistas mesmo do concurso do

Caldeirão do Huck, que tinha a musa do Caldeirão. E aquilo foi me incentivando, mas não que especificamente eu fui numa aula de dança, alguém me pegou pelo braço e falou “olha é assim e assado” isso não existiu. Fui eu mesma que descobri e acabei vendo que eu tinha jeito pra a coisa. (TATI JACKSON, 2023, entrevista)

A partir das falas das entrevistadas sobre o processo de aprendizagem do samba é possível perceber que essa aprendizagem se deu pela educação informal e que elas foram aprendendo vendo vídeos de dança do samba, algumas delas fazendo *workshops* sobre essa dança e muitas vezes, aprendendo sozinhas. Educa-se na informalidade, fora dos espaços escolares. Pensar essa perspectiva de corpo na Educação é poder pensar um ato educativo em que há criação de novos sentidos para a existência e a possibilidade de interpretações diversas para uma mesma situação, podendo se constituir numa possibilidade de educar que não negue a própria condição humana (PORPINO, 2006). Nesse sentido, a aprendizagem da cultura que se dá na informalidade, a observação, o escutar e a repetição são cruciais para a aprendizagem.

A partir das falas sobre a aprendizagem do samba é possível tecer aproximações com o pensamento de Vieira e Silveira (2022) quando dizem que existem dois tipos de pessoas no samba: o natural e o naturalizado.

O natural é o termo usado para aquelas pessoas que nasceram no samba, são as que nasceram em um espaço (em que a cultura do samba é predominante) somado com o convívio e as relações pessoais que se constroem nesse lugar ao decorrer do tempo. Ser natural também implica em saber todos, ou quase todos os trâmites e regras implícitas daquela cultura. Já o naturalizado são as pessoas fora do ambiente do samba, é um recém chegado nesse meio, pode ser um gringo ou um brasileiro que nunca teve laços fortes com a cultura do samba.

Livia Costa (foto 6) e Tati Jackson, a partir das reflexões de Vieira e Silveira (2022), podem ser consideradas pessoas que nasceram no samba, visto que seus familiares tinham/têm uma relação próxima com o samba, logo são consideradas naturais do samba. Essa assertiva pode ser ratificada nas falas das duas entrevistadas quando falam sobre a aprendizagem do samba.

Foto 6: Lívia Costa com o seu grupo LC Samba Show



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada. Foto Carlos Capevisual, ano 2023

Eu, Rubiana e Érica somos, de acordo com a definição de Vieira e Silveira (2022), consideradas pessoas naturalizadas no samba, pois nos introduzimos no samba depois, não crescemos nesse ambiente de dança e música.

Pelos extratos das falas é possível perceber que Rubiana Carvalho, Livia Costa, Érica Alves e Tati Jackson são, em relação ao samba, pessoas autodidatas, pois aprenderam sozinhas, quase como se fosse um “dom” algo “divino” dado de “berço”.

Questiono-me: Só samba quem tem o dom? Sambar é dom ou aprendizado? De acordo com Vieira e Silveira (2022) essa discussão de dom, talento ou vocação no meio das artes já é antiga e há dois rumos possíveis: os que acham que o samba pode ser ensinado, e os que percebem o samba como um “dom divino”, que não pode ser aprendido, apenas praticado.

Na fala de Livia Costa, por exemplo, entende-se que ela nasceu com o “dom” de sambar; no entanto, esse “dom” foi oportunizado pela vivência da passista com o meio e a cultura do samba. Ela foi observando as passistas do show em que seus parentes eram músicos e foi aprendendo sozinha.

Tati Jackson também conta que ninguém a ensinou a sambar “[...] o samba veio de raiz, veio comigo”. A fala da entrevistada é corroborada com o pensamento de Vieira e

Silveira (2022, p. 08) quando dizem que,

Quem samba muitas vezes desenvolve, no cotidiano e de maneira informal, esse saber seguindo uma espécie de rito, que tem como característica principal a visualidade. Esse rito, que podemos chamar de “roda da tradição”, se apresenta da seguinte forma: alguém nasce e convive no ambiente onde há samba ou pessoas que consomem e frequentam locais de samba; olha e percebe o samba a sua volta, observa como é dançado; tenta no corpo e depois, à sua maneira, samba (IDEM)

Rubiana apesar de não crescer na cultura do samba diz que aprendeu a sambar **com** facilidade, assistindo vídeos, observando, fazendo *workshops*. Já eu e Erika tivemos mais dificuldade, não nascemos com esse "dom" e precisamos da ajuda de terceiros para aprendermos a sambar.

O samba apareceu em minha vida como uma oportunidade de viajar para fora do país. Eu já dançava vários estilos (danças urbanas, dança contemporânea, jazz, ballet e dança de salão), inclusive com danças populares tais como: frevo, carimbó, coco de roda e maracatu, mas nunca com samba.

Foi desafiador pra mim porque não é uma dança fácil de aprender, muito menos de se ensinar. A chefe¹³ do meu grupo me ajudou muito dando umas dicas, tais como deixar os braços na linha dos ombros, quebrar mais o quadril, rebolar mais. Eu a observava sambar e queria fazer igual a ela, mas meu corpo não respondia de tal forma, por mais que me esforçasse. Foi aí que percebi que eu tinha que desenvolver o meu samba, que cada corpo samba de um jeito, que o aprendizado se dá realmente pela prática e que o professor pode somente corrigir, pois o samba é uma dança transmitida (ensinada e aprendida) de maneira oral e visual.

Assim, as estratégias de ensino-aprendizagem das aulas de samba são compostas por elementos visuais, como mostrar em seu corpo o que deve ser feito pelo outro. É o/a professor/a fazer o passo e deixar a/o aluna/o ver e traduzir à sua maneira para, aí sim, executar o movimento.

Como já informado, a maioria das passistas-show entrevistadas aprenderam a sambar sozinhas, mas outras como eu e Érica Alves (foto 7) aprendemos a sambar com a ajuda de uma professora; já Érica Alves teve seu aprendizado com Nayane Nunes.

Foto 7: Érica Alves rainha do carnaval de Natal 2020

¹³ Monnaliza Gomes de Medeiros Nascimento



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada, ano 2020

Rubiana Carvalho e Livia Costa tinham 22 e 20 anos, respectivamente, quando aprenderam a sambar. Érica Alves e Thatiana Jackson começaram esse aprendizado aos 30 e 23 anos, respectivamente, e eu aprendi com 24 anos.

Vejamos excertos das falas das passistas shows entrevistadas no que diz respeito a idade em que aprenderam a sambar:

Aos 22 anos foi o meu primeiro contato com o samba. Comecei ali com o carro abre alas, né! Uma escola de samba me convidou, foi meu primeiro trabalho. Fui ali levando um conceito de Adão e Eva negro, com um amigo meu que também é preto. E aí acabou que ali eu comecei a me apaixonar pelo samba e aí as outras escolas foram me chamando. Eu comecei a sambar como musa, como rainha de bateria e logo em seguida fui convidada para competir como mulata de ouro da cidade, tudo isso em Manaus. Fui convidada a competir com mulata de ouro, onde eu fiquei em segundo lugar. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

Meu primeiro show eu fiz com 10 anos de idade no Paraguai. (LÍVIA COSTA, 2023, entrevista)

Então, como passista de escola de samba foi com 23. Exatamente 23, porque meu filho já tinha 3 anos quando eu comecei nessa vida. Eu fui participando de concurso, como falei anteriormente, ganhei um monte de banda aqui. Banda seria bloco, como se fosse na Bahia que tem bloco, aqui tem bandas. A gente fala que é banda, não é escola de samba é banda. E aí tinha vários concursos, tinha várias coisas que eu participei. E aí a minha carreira alavancou mesmo quando eu entrei nessa X9, porque a X9 tem o nome muito forte aqui em Santos, é uma escola antiga, é a mais antiga na verdade. Ela é a quarta escola mais antiga do país, existe a Portela e existe a Mangueira, mas a minha escola é a quarta. Depois que teve algumas escolas no Rio tiveram aqui em Santos, porque só Rio e Santos tinham carnaval, depois que foi para a grande São Paulo. Então essa escola de samba que estou, que fiz o meu nome,

a X9 de Santos, eu virei rainha, fui rainha durante muito tempo desde 2007 e eu tinha 23 anos, na época. E aí de lá pra cá é só samba. (TATI JACKSON, 2023, entrevista)

Bom, em 2018... deixa eu fazer as contas, estou com 36, fazem 6 anos. Com 30 anos eu participei do meu primeiro concurso valendo. Quando você é rainha precisa seguir a agenda do prefeito, não é liberado você desfilava com a escola, mas quando você não ganha seu compromisso é com a escola. Então, creio que realmente me tornei a partir de 2018 com 30 anos quando eu tive minha primeira experiência na avenida e na verdade a minha primeira experiência com carnaval da minha cidade, porque quando eu não desfilava ou não participava de concurso eu em todos os anos eu estava dançando com bandas, então, nunca ficava em Natal, em datas comemorativas sempre passava no meio do mundo trabalhando, porque a área que eu escolhi foi dançar. Então eu sempre estava trabalhando com as bandas nos interiores de RN, nunca estava presente no carnaval de Natal. Aí em 2018 eu tive essa honra de participar do carnaval de Natal. (ERICA ALVES, 2023, entrevista)

No que diz respeito a dança como profissão, elas responderam:

Com certeza. Eu vivo unicamente disso. Eu vivo de dança, eu vivo de samba. Eu trabalho não só aqui na empresa onde sou contratada, mas levo isso para a Argentina, para o Paraguai, levo para outros países. Se for possível levo também para outras cidades. É a minha profissão. Vivo unicamente disso. (RUBIANA CARVALHO, 2023, entrevista)

É, tenho como profissão. Até hoje eu não fiz nada diferente a não ser trabalhar com show, né! (LÍVIA COSTA, 2023, entrevista)

Eu queria como profissão, porque profissão é aquilo que você se mantém, que você vive daquilo, não é o caso. O samba me proporcionou, graças a dança, porque eu sou dançarina profissional, não sou sambista, graças ao samba eu conheci outros países lá fora. Eu digo graças ao samba porque depois que eu entrei em escola de samba vieram os convites para fazer show de mulata lá fora do país. Então quando eu viajei pra fora do país eu podia dizer que naquela fase que eu estava viajando eu estava no samba profissionalmente porque ali eu não trabalhava mais em lugar nenhum, fui viajar pra fora pra fazer show brasileiro e ganhar. Toda vez que eu voltava pro Brasil eu voltava para a realidade, a realidade que a gente não gosta, né! Que é pegar no batente, trabalhar normalmente, pegar emprego normal, serviço normal e a dança ficava como *hobby*. Infelizmente no Brasil a cultura não é valorizada, a não ser no Rio, o Rio é o foco, no Rio de Janeiro realmente é o ano inteiro, eles vivem do samba. Em outros estados do Brasil é difícil a gente só viver de samba. Rio de Janeiro pode até ser que as mulheres as mulatas consigam porque tem muito show, muito gringo, muitas casas, muitos eventos. Em São Paulo não é bem assim, e acredito que em Minas Gerais também não é, Espírito Santo e em outros não são assim. Então eu tenho como um *hobby*, mas eu queria na verdade viver da dança mesmo, do samba. (TATI JACKSON, 2023, entrevista)

Hoje sim, porque eu danço e ir para o outro lado do mundo onde você mora e onde você estava. A dança eu já tinha como profissão, mas para muita gente falava que eu vivia no mundo da imaginação e depois que minha carteira foi assinada eu fiz questão de mostrar para o mundo que a dança seria minha profissão porque estava assinada na minha carteira de trabalho: “cargo: dançarina”. E passista é profissão, pois tem muitas que ganham o seu dinheiro o seu ganha pão de cada dia através do samba. Eu acompanho muitas que saem do seu lugar para dar *workshop* em vários lugares do mundo, é através dali que elas estão tirando o dinheiro delas e hoje eu estou aqui também, na Turquia, por causa do samba, o samba abriu a porta para fora do Brasil, para mim o samba é uma profissão. (ERICA ALVES, 2023, entrevista)

De acordo com Sorignet (2010), sobre o pensamento da dança como profissão, o crescimento dos profissionais da dança fez com que sobreviver financeiramente desse trabalho vem sendo cada vez mais difícil. Isso leva a muitos dançarinos a terem outro

emprego fora da área, como é o caso de Tati, o que dificulta a profissionalização por reduzir a disponibilidade para formação, exercício e contemplação da dança, bem como restringe a convivência com outros profissionais da dança. Assim, o risco de desvio profissional está diretamente relacionado com a distância entre atividades secundárias e a dança. Ele também diz que a dança exige uma grande dedicação profissional a tal ponto que o dançarino tem sua vida social com a profissional ligadas.

Segundo Sorignet (2010) é importante estar inserido no mundo da dança e estar sempre entre os profissionais, mantendo uma boa relação interpessoal, pois isso vai os oportunizar mais trabalhos. A grande dedicação, o crescimento dos profissionais na área e a baixa demanda levam à insegurança profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os argumentos aqui apresentados concluo que as ações de assédio às passistas são praticadas em peso por homens tanto dentro das escolas de samba como fora e em parte por homens de cargo relevantes, nas agremiações e em outros espaços de trabalho. Como também os principais fatores que levam a esse assédio são: a exposição do corpo devido as figurinos curtos; o corpo negro sexualizado desde a escravidão; a sensualidade dos movimentos da dança samba. Mas apesar de tudo isso, de todo preconceito, assédio e em meio a outras dificuldades, elas ainda se fazem presentes no samba, ainda estão resistindo e mostrando sua arte por amor ao que fazem. Essas mulheres usam o corpo como instrumento da luta simbólica contra a hipersexualização do corpo feminino. Reafirmando sua estética no carnaval, tão pouco valorizada em outros momentos (atraindo olhares que vão para além da objetificação sexual), como forma de resistência e também de valorização de suas origens étnico-raciais. Sendo assim uma questão para além do prazer de dançar, se tornando uma questão política também.

Percebi aqui a importância de ter a vivência, de me incluir como esse elemento de pesquisa nesse momento de estado da arte. Foi gratificante e desafiador. Gratificante por poder conhecer mais sobre a história das entrevistadas e perceber como nossas histórias se cruzavam. Desafiador pelo fato de tratar temas tão importantes e delicados de se falar como: racismo, machismo, preconceito, assédio e feminismo.

Levando em consideração o processo de aprendizagem percebi que educa-se na informalidade através da educação informal e que há dois modelos de ensino-aprendizagem do samba: a roda de tradição do natural do samba e a educação através da tradição do naturalizado.

REFERÊNCIAS

ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula; LOURENÇO, Ana Carolina Silva. A “**objetificação**” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Vila Velha - ES, 2014. disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf> Acessado em: 06 de maio de 2023.

BARIFOUSE, Rafael. Da janela do sobrado a donas da folia: como as mulheres driblaram o machismo na história do Carnaval. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22, fevereiro, 2020. Disponível em: [Da janela do sobrado a donas da folia: como as mulheres driblaram o machismo na história do Carnaval - BBC News Brasil](#). Acesso em: 20 de abril de 2023.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GOTARDELO, Ana Julia. **Sentidos sobre o corpo da mulher no mercado de trabalho: por uma análise discursiva do podcast Maria vai com as outras**. Monografia (Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia). Uberlândia, 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. O corpo e a dança negra no cenário artístico Soteropolitano. Palmares, **Revista Palmares**, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/61%20a%2063.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

PEREIRA, Bárbara Regina. Mulheres passistas de escolas de samba do Rio de Janeiro: entre a (des)objetificação e o direito ao feminino. Meu corpo, minha dança, minhas regras, meu prazer. **Evento Abant**, 2018. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541457192_ARQUIVO_BARBARAREGINAPEREIRA.pdf. Acesso em: 30 de junho de 2021.

_____. Pé, cadeira e cadência: trajetórias e memórias de passistas de escolas de samba do Rio de Janeiro. meu samba, minha vida, minhas regras. Tese (Programa de Pós-Graduação em Memória Social). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13047/TESE_BARBARA_PEREIRA_UNIRIO_VF_2.pdf?sequence=1 Acesso em: 30 de maio de 2023.

PEREIRA, Viviane de Souza; OLIVEIRA, Wallace Araújo de. A evolução do passista masculino na perspectiva de Valci Pelé, um "operário do carnaval". **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 755-771, dez. 2020.

PINHEIRO, Julia Alves. "Eu organizo o movimento, eu oriento o carnaval": o feminismo das Mulheres Rodadas no carnaval de rua do Rio de Janeiro. **App Uff**, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/4797>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

PIRES, Karen Tolentino de. **Agora é samba! saberes afro-passistagógicos de mulheres gaúchas**. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação. UFSM, RS). Santa Maria/RS, 2022.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal: EDUFRN, 2006.

SILVA, Liliam Ramos da. Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n(57.1): 71-88, jan./abr. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tla/a/JZjt3cFmJfPws34Yxx84HHQ/?lang=pt> Acesso em: 06 de maio de 2023.

SILVEIRA, Silvia Soter; VIEIRA, Thaynã Fabiano do Rosário. De professor e macumbeiro todo mundo tem um pouco: análise do processo de ensino aprendizagem de naturais e naturalizados no samba. **Revista Interinstitucional Artes de educar**, Rio de Janeiro, V.8, N.3 - pág. 962 - 977 set-dez de 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. RJ, Mauad, 1998.

SORIGNET, Pierre-Emmanuel. **Danser**: enquête dans les coulisses d'une vocation. Paris, La Découverte, 2010.

TOJI, Simone Sayuri Takahashi. **Samba no pé e na vida**: Carnaval e ginga de passistas da escola de samba "Estação primeira de Mangueira". Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ANEXOS

Entrevista com Rubiana Carvalho

Entrevistador: Eu quero que você se apresente (nome, idade, profissão, escolaridade, de onde você é e onde você mora.

Rubiana: Eu me chamo Rubiana Carvalho, tenho 27 anos, sou bailarina profissional, tenho o ensino médio completo. Sou baiana, do interior da Bahia ali de Teixeira de Freitas, bem lá na pontinha. Mas atualmente eu estou morando aqui em Foz do Iguaçu.

Entrevistador: Como você aprendeu a sambar? Foi com alguém? Onde foi? Como isso aconteceu? Quantos anos você tinha?

Rubiana: Eu comecei a sambar sozinha na verdade. Peguei um amor pelo samba. Um olheiro de rua me viu, gostou, me contratou para levar para o navio para trabalhar e aí por lá me apaixonei pelo samba e aí fui aprendendo sozinha. Fui sozinha assistindo vídeo fazendo workshop, através de vídeos também e assim fui levando.

Entrevistador: Com quantos anos você se tornou passista?

Rubiana: Aos 22 anos foi o meu primeiro contato com o samba. Comecei ali com o carro abre alas, né! Uma escola de samba me convidou, foi meu primeiro trabalho. Fui ali levando um conceito de Adão e Eva negro, com um amigo meu que também é preto. E aí acabou que ali eu comecei a me apaixonar pelo samba e aí as outras escolas foram me chamando. Eu comecei a sambar como musa, como rainha de bateria e logo em seguida fui convidada para competir como mulata de ouro da cidade, tudo isso em Manaus. Fui convidada a competir com mulata de ouro, onde eu fiquei em segundo lugar.

Entrevistador: Você pode me falar mais sobre essa sua trajetória como passista? Desde quando você começou até os dias de hoje.

Rubiana: Eu comecei primeiro com esse carro abre alas. Onde eu e meu amigo teve o primeiro contato com o samba e dali comecei a me apaixonar pelo samba. Coisa que, por incrível que pareça, eu não gostava, achava super “uó” só gostava de sambar lá no meu trabalho mesmo e achava que não ia me dar bem naquilo e acabei me apaixonando. Depois que eu fiz esse trabalho com o carro abre alas, logo em seguida fui chamada para ser rainha da bateria da Cidade Nova, uma escola de acesso, não era do grupo especial da cidade, porque lá tem o Sambódromo também e eles me convidaram para ser rainha de bateria de lá. Fiquei um ano. E logo em seguida que me viram desfilando pela primeira vez, como rainha de bateria, uma escola do grupo especial me viu e falou “opa! pera aí vamos lá!” e me chamou para ser

musa e eu fiquei um ano sendo musa dessa escola de samba chamada Vila da Barra. E foi, inclusive, a escola em que desfilei a primeira vez no carro abre alas e me apaixonei por aquilo. Ali me apaixonei pela comunidade, quando você se envolve com o samba se envolve com a comunidade também e a comunidade te abraça. E aí só foi aflorando mais o meu prazer de estar ali toda vez nos ensaios se preparando para o desfile principal. E logo em seguida eu fui com tudo isso, com todo esse contato que eu tive com o samba, me chamaram para disputar a mulata de ouro fui para mulata de ouro no primeiro ano, confeccionei minha própria roupa, me joguei, fui e fiquei em segundo lugar e saí satisfeita. Aí de lá já vim para cá para Foz do Iguaçu.

Entrevistador: E aí foi de Iguaçu você trabalha como?

Rubiana: Aí atualmente eu fui contratada por uma empresa que oferece um show aqui, tipo Marco das Três Fronteiras, um pouco de tudo, e tem a parte do Brasil que fui contratada especificamente para isso, à primeiro momento. Eu fui contratada para ser passista show aqui, fora isso eu faço shows em outros país como Argentina e Paraguai, principalmente nessa época de Carnaval agora que tá chegando. Então eu faço um pouquinho de tudo, eu ofereço esse trabalho aqui pela cidade e também em outros país.

Entrevistador: Como é fronteira, né?! Você consegue tanto show no Brasil como nos países próximos.

Entrevistador: Com quantos anos você se tornou passista?

Aos 17 eu fui contratada pelo cruzeiro, que eu te falei, no qual eu trabalhei. Lá eu tive o meu primeiro contato com o samba, comecei aprendendo ali sozinha, me virando. Mas sambar, sambar mesmo, ter contato com as escolas de samba, eu comecei aos 22.

Entrevistador: Como é que era a sua relação nos ensaios, na escola de samba, energia da galera? Como é que você interagia ali e como é que era a realidade no desfile da escola de samba?

Rubiana: As escolas de samba são engraçadas. Como eu estava falando na resposta anterior, é um acolhimento, quando você vira, você se torna, você pega um cargo à frente da bateria, sabe! Você construir aquilo ali, tem que participar dos ensaios, você tem que se dedicar a escola, as pessoas ficam esperando ver como você vai chegar no ensaio, como é que você vai se portar, como você vai abraçar a comunidade. Acaba virando uma coisa de comunidade

mesmo. E aí, as pessoas vão se apegando a você e você também vai acabar se apaixonando por isso. E se você se torna uma passista responsável, um exemplo, se você pega um cargo de rainha; você se torna uma rainha de bateria responsável; que está em todo ensaio; que tá perto da comunidade... eles te acolhem de uma forma que você se apaixonava reciprocamente por eles. É muito top.

Entrevistador: E você acha que na escola de samba você se profissionalizou mais, por ter mais contato com pessoas que sabiam sambar e por estar ali envolvida na cultura?

Rubiana: Sim. Com certeza, ali você tira muitas experiências você se inspira em muitas pessoas como a Rebeca Pinheiro que é uma das passista em que eu me inspirei muito inclusive ela virou rainha do Carnaval de Manaus é uma preta linda uma preta que samba muito então aquele contato direto ali fez com que você pegasse um *feelling* que você sugasse. Poh! suguei bastante dela, trouxe bastante dela para mim até hoje uso bastante coisas que ela fazia eu me inspirei bastante. Esse contato foi muito importante porque você assiste vídeos, aprender é uma coisa, agora você tá ali em contato constante te faz, nossa! Você aprende muito mais rápido.

Entrevistador: Você acha que esse acolhimento que você teve, que você sentiu na escola de samba, você também sentia com o público no dia do desfile?

Rubiana: Se tratando de público de escola de samba no dia do desfile, sim. Eles acolhem muito, eles te aplaudem muito, esse público tá ali preparado pra ver isso. Então eles estão ali preparados, eles te aplaudem, te vangloriam, te colocam lá em cima, “como você samba!” faz toda aquela energia boa. Agora, dependendo do ambiente, por exemplo, quando é o cozinheiro ou metre dessa nova empresa que eu estou trabalhando eu não sou acolhida tão bem. Então são públicos diferentes.

Entrevistador: Por que você acha que você não é acolhida tão bem?

Rubiana: Por exemplo, onde eu trabalho é um restaurante onde oferece show e aí quadros que vem antes do quadro do Brasil são quadros onde as meninas usam vestidos, onde elas usam umas roupinhas mais fechadas e quando chega no quadro específico da passista, principalmente o público feminino, não acolhem tão bem a apresentação. Você pode se matar sambando, tem quem aplauda e tem quem seja contra, mas eu creio que é por conta do traje.

Entrevistador: Aí você acha que não é acolhida porquê? Seja mais clara.

Rubiana: Mas pela questão da roupa que incomoda, ainda mais que é um local onde vem a mulher com seu esposo e a criança. Quando aparece uma moça sambando, com roupa de samba “meu Deus!”, ou se retira ou vira o rosto. Já não é algo tão acolhedor como é na arena, no desfile da escola de samba, onde as pessoas estão ali justamente para ver isso.

Entrevistador: Você tem isso como profissão?

Rubiana: Com certeza. Eu vivo unicamente disso. Eu vivo de dança, eu vivo de samba. Eu trabalho não só aqui na empresa onde sou contratada, mas levo isso para a Argentina, para o Paraguai, leva para outros países. Se for possível levo também para outras cidades. É a minha profissão. Vivo unicamente disso.

Entrevistador: Você já foi assediada? Se sim, como você lida com esse assédio? E onde aconteceu? Já aconteceu dentro da escola de samba? Já começou de fora da escola de samba? Já aconteceu nesses ambientes de trabalho que você faz fora do país ou nessa casa de show que você trabalha atualmente?

Rubiana: Sempre acontece. Ainda mais pelo... As pessoas tem mania de confundir os trajes que a gente usa para sambar. Eles não separam o lado profissional eles só querem saber que “poxa a bunda dela está aparecendo” “o traje dela é desse jeito”. Eles já veiculam automaticamente o nosso trabalho a outra coisa. A prostituição, por exemplo, eles veiculam ao trabalho que eu faço. Seja ele de passista ou de bailarina eles acabam vinculando, não só os homens como as mulheres também. E essa questão do assédio sempre rola. Como eles já fazem esse vínculo, eles acham que tem o direito de fazer propostas. Já aconteceu situações comigo em relação a isso. Inclusive eu estava fazendo apresentação na casa de show e resolvi ficar um pouquinho mais no local, porque o dono do local deu uma mesa para a gente curtir um pouquinho e a gente resolveu ficar, eu normalmente não fico, mas nesse dia resolvi ficar. E nesse dia que resolvi ficar, esse rapaz começou a dar cortesias na minha mesa e para mim foi um dia mais extremo porque esse rapaz no final... Ele mandando essas cortesias começando a fazer propostas e eu não quis aceitar, ele começava a me puxar e aí passou um pouco do limite, achou que, pelos meus trajes que sambei no palco, ele teria o direito de fazer isso e, pelas cortesias que ele estava mandado, de tá me puxando, me fazendo propostas, oferecendo dinheiro. E aí os meus amigos intervieram ali e os seguranças também. Mas é uma

das situações, sempre tem esse tipo de assédio, principalmente dos homens e das mulheres sempre têm o julgamento.

Entrevistador: Você acha que esse assédio, essa falta de respeito mesmo com sua profissão, é só fora da escola samba ou dentro da escola também?

Rubiana: Dentro e fora. Dentro sempre tem, principalmente quando é... Já aconteceu de presidente de escola vir com esse assédio em cima, ou seja, “carne nova” “preciso ter essa preta” “quero essa preta”. Aí começa a fazer várias propostas, começa a te oferecer outros cargos, enfim. Sempre rola, dentro e fora da escola, aonde você for.

Entrevistador: Você já sofreu alguma crítica sobre alguma característica sua, por você ser uma mulher preta? Se sim, em que contexto e em que ambiente isso aconteceu?

Rubiana: Aconteceu em uma audição que eu fui fazer, não só comigo, né! Com outras mulheres pretas que estavam comigo lá. Teve uma audição para o Balé Folclórico do Amazonas e aí nós pretas fomos eliminadas na primeira fase. Simplesmente por ser preta e eu digo isso por que não foi algo técnico de falar que todas as pretas que estivessem ali fossem ruins dançando, ou não tivesse técnica ou não fossem boas teria um motivo “ok tudo bem foi por acaso que aconteceu isso de todas as mulheres pretas terem sido eliminadas”. Mas não, tinham mulheres pretas que eram muito boas, bailarinas excelentes e foram eliminadas simplesmente por essa característica, ou seja, ficou para a fase final mulheres brancas, de cabelo liso. Então, esse dia foi um dia bem marcante, bem marcante de verdade para mim, em relação à dança.

Entrevistador: Você acha que essas meninas que passaram para a segunda fase, elas tinham uma característica do balé clássico?

Rubiana: Sim, elas tinham. Elas eram muito boas, é isso que eu estou falando, eram meninas muito boas para não terem passado pela técnica. Não foi questão técnica, foi realmente questão de aparência por que elas eram muito boas, inclusive melhores do que as que ficaram simplesmente porque eram brancas e de cabelo liso.

Entrevistador: Eu quis perguntar: Se essas meninas que passaram, elas passaram por terem características estéticas do balé clássico?

Rubiana: Sim, com certeza. Principalmente o balé folclórico que deveria desconstruir isso, eles querem menina padrãozinho, aquela bailarina magrinha, bonitinha, branquinha, do pescoço alongado. Então o corpo de uma mulher preta é totalmente diferente, a gente já é aquela mulher preta que tem um bundão. Uma das coisas que atrapalhou na minha audição foi isso, eles pedem pra a gente encaixar o bumbum e eu tenho o bumbum fora do padrão, eles já começam a botar um ponto negativo aí. Então, eles já buscavam essas características nessas meninas que ficaram, essa característica de menina magrinha, branquinha, já padrão mesmo.

Entrevistador: Você já passou por algum tipo de pressão para mudar algo em seu corpo por causa da profissão?

Rubiana: Com certeza, totalmente, vários amigos meus, principalmente os gays que andavam comigo. Eles já fizeram proposta para eu colocar gel, para colocar silicone... Nossa! várias mudanças, academia... Eles queriam mudar totalmente meu biotipo eles queriam fazer de mim uma mulher grandona, corpuda, bunduda e não era algo que eu queria. Mas não só eles não, não só nesse sentido, em todo local ainda acontecem isso, eles querem manter esse padrão de peituda, bunduda. E é algo que eu nunca senti muito forte, nunca precisei fazer modificações no meu corpo. Mas é algo que é muito cobrado principalmente nessa nossa profissão. Que a gente sabe que rola.

Entrevistador: Você acha que existe alguma estética/estereótipo de passista? Se sim, como você acha que é?

Rubiana: Existe, eles prezam muito pela mulher preta, principalmente em relação a bunda. Eles já veiculam o bumbum grande à mulher preta e se não tiver eles já acham que é fora do padrão. Então pra mim o estereótipo que eu creio que as pessoas esperam de uma mulher preta, principalmente relacionado ao Carnaval, é aquela preta malhada, do bundão do pernã, da pele bronzeada, marca de fitinha, cabelão, unha de gel. então é o padrão que já é imposto.

Entrevistador: Esse tipo de pressão que eu perguntei anteriormente para mudar seu corpo, você já sentiu esse tipo de pressão por alguém que estava te contratando?

Rubiana: Sempre, antes de contratar eles já pedem um perfil de mulher. Eles querem a mulher que tenha peitão, que tenha bundão, cinturinha fina, cabelão... às vezes nem prezam pela dança, às vezes nem querem saber da dança. querem saber realmente da estética. Tanto que no Carnaval aqui quando eles querem contratar as passistas eles pedem portfolio, foto, vídeo...

Eles vão escolhendo dentro do padrão que eles querem, que é esse padrão de sempre: peitão, bundão, cinturinha. Mas sempre tem, principalmente os contratantes são os primeiros.

Entrevistador: Você já se prejudicou no trabalho por conta disso?

Rubiana: Já, já aconteceu, logo que eu tive a minha filha e fui contratada eu fiquei com 20kg a mais do meu peso atual, e eu sou bem magrinha, sempre fui bem magrinha, por isso essas pessoas cobraram essas modificações no meu corpo. Então quando eu fui contratada eu estava com 20kg a mais, ou seja, se eu peso 58kg eu estava com 82kg. E aí eu não podia sambar por que eu estava acima do peso, para eles eu não estava no padrão suficiente. Nem foram capazes de considerar a dança, mas consideraram logo a questão estética e para eles vai valer muito mais e vai na frente de tudo. Você pode ser uma bailarina maravilhosa, você pode ser do Bolshoi, mas se você não tiver estética perfeita no padrão que eles querem...

Entrevistador: Você já mudou algo em seu corpo por causa dessas exigências?

Rubiana: Não, nunca, só o meu cabelo que é algo prazeroso para mim. O cabelo é algo que eu gosto, que me faz se sentir bem, não pela cobrança, mas porque eu quis mudar por mim mesmo.

Entrevistador: O que as pessoas esperam de você como passista?

Rubiana: Infelizmente, como eu falei, em primeiro lugar vem a estética. Estética é o que eles logo esperam, não sei como eles me vem de fora, vendo que sou bem magrinha, mas o segundo quesito no conceito deles, porque para mim em primeiro lugar tem que ser um samba no pé, para eles o segundo é o samba no pé. Para eles, eles batem e olham “tem bundão?” “tem corpão?” aí eles vão olhar o samba. Uma boa passista tem que oferecer um bom samba no pé sim, tem que arrochar ali na hora de sambar.

Entrevistador: Tem alguma coisa que você queira acrescentar?

Rubiana: Ah! Só que a nossa profissão é muito complicada, mas é algo em que a gente é apaixonado por fazer. Eu vivo dança, eu respiro dança, eu sou dança, eu vivo unicamente da dança. E que a gente sempre vai passar por situações como essa, dessa cobrança, ainda mais nós que somos mulheres pretas sempre tem um pouquinho de cobrança à mais, sempre rola assédio demais, homens com fetiche, é cobrança, sempre isso vai ter na nossa profissão. Mas

a gente não pode desistir nunca, o amor pela dança que é único e é algo para a vida toda, você pode envelhecer mais você ainda vai amar dançar, você ainda vai dançar. Então é isso que eu tenho pra dizer.

Entrevista com Livia Costa

Entrevistador: Eu vou pedir para que você se apresente, fale quem você é (seu nome idade e profissão, escolaridade, de onde você é e onde você mora).

Livia: Meu nome é Livia Costa Santos, me chamam de Livia Costa. Eu nasci no Rio de Janeiro, tenho 40 anos. Trabalho com show há 20 anos. E completei o 2º grau.

Entrevistador: Sua profissão, Livia?

Livia: Eu sou passista há 20 anos.

Entrevistador: Como você aprendeu a sambar? (como, onde e com quem).

Livia: Então, eu acredito muito em dom, eu já nasci com esse dom, porque minha família é toda de artista, né! Meu pai é músico, meu irmão é músico, meus tios são músicos e agora meus filhos músicos, então mais pela parte do meu pai seria possível como eu não toco, não sou musicista, eu sou bailarina, sou mulata. Eu já nasci nesse meio artístico, eu não aprendi com ninguém, nunca entrei em aula... nada! Foi de pequenininha vendo o show crescendo no meio do show e fui aprendendo.

Entrevistador: “no meio do show” que show? Foi em uma casa específica ou uma escola de samba?

Livia: Meu pai trabalhava no Oba Oba, aqui no Rafain, o Oba Oba Rafain, onde meu pai trabalha até hoje. E eu vim pra cá, pra Foz do Iguaçu na cidade onde estou morando agora, com 6 anos de idade e meu pai veio para trabalhar no Rafain. E ali eu me cresci, né! Vendo show e tomando gosto e sempre falando que eu ia ser mulata que eu ia dançar no Rafain no Oba Oba e não foi diferente.

Entrevistador: Você pode dizer que realizou ou está realizando um sonho?

Livia: No meio artístico, no meio que eu trabalho, cada dia eu realizo um sonho diferente. Eu já viajei, trabalhei em todas as casas de show aqui em Foz do Iguaçu, agora pretendo ir pro Rio fazer algo lá e aí sim voltar realizada.

Entrevistador: Você já viajou pra onde?

Lívia: Eu fui para a China, fiquei na China por 4 meses. Fui como passista. Eu fui com um grupo da WA de São Paulo.

Entrevistador: Com quantos anos você se tornou passista?

Lívia: Meu primeiro show eu fiz com 10 anos de idade no Paraguai.

Entrevistador: Aí você foi representando alguma empresa?

Lívia: Não, tinha um show mirim, um show de crianças, e aí eu participei desse show durante bastante tempo. Aí depois eu trabalhei nessa casa de show que tem aqui, Show Pano, que tinha show infantil à tarde e eu participava desse show, eu era a mulata do show. Depois acabou aí eu parei e com 16 anos eu voltei. Daí eu trabalhei no Plaza Foz, com 16 anos. Depois do Plaza Foz eu fui para o Rafain com 17. Lá eu fiquei durante muitos anos.

Entrevistador: Ficou quanto tempo no Rafain?

Lívia: Eu trabalhei no Rafain por uns 15 anos. Depois eu voltei pro Plaza Foz, em 2010, lá eu fiquei por 3 anos, e depois eu fiquei 5 anos no Botega Oba Oba.

Entrevistador: Você tem isso como profissão?

Lívia: É, tenho como profissão. Até hoje eu não fiz nada diferente a não ser trabalhar com show, né!

Entrevistador: Hoje em dia você trabalha só com isso ou tem outras profissões?

Lívia: Eu trabalho com show, agora eu tenho minha agência de show, LC Produções, e eu trabalho nisso. Eu estava trabalhando 4 meses num aeroporto, numa loja, e estou fazendo um curso de comissário de bordo.

Entrevistador: Lívia, em alguma dessas vezes em que você estava se apresentando/trabalhando como passista, você foi assediada? Se sim, como você lida com esse assédio? e onde aconteceu?

Lívia: Não, não tive assédio nenhum, em casa de show não. No Paraguai tem uns que vem, tentam passar a mão e tal, mas a gente, com muitos anos de profissão, sabe lidar com isso, a gente se sai bem. Então eu não digo nem que foi assédio, não levo como assédio.

Entrevistador: Essa situação que aconteceu no Paraguai, foi em que tipo de evento?

Lívia: Foi um evento em casa noturna. Carnaval em casa noturna. Acontece muito, mas é como eu falei pra você eu não lido como assédio, porque não é uma coisa que me faça mal, eu sei lidar, não é uma coisa absurda do cara vir me assediar, me agarrar, não. É uma passadinha de mão, abaixar uma mão ali eu vou e subo, coisas assim, sabe? Quando eu to de mulata.

Entrevistador: Você já sofreu alguma crítica sobre alguma característica estética sua, por você ser uma mulher preta? Em que contexto e ambiente isso aconteceu?

Lívia: Não, nunca me aconteceu. Graças a Deus não. Sempre fui muito bem recebida, nunca tive problema enquanto eu tava fazendo show, em vários lugares, como “ah ela é negra” “o corpo dela.” nada, nunca passei por isso.

Entrevistador: Você já passou por algum tipo de pressão para mudar algo em seu corpo por causa da profissão?

Lívia: Não, também não. Cabelo é de mim mesmo, da minha vaidade, eu sempre estou com cabelo grande. Nunca me falaram: Você tem que tá com o cabelo assim assim e assado. Nunca! Meu corpo, eu só coloquei silicone, devido a minha gravidez, meu peito ficou feio, sempre fica uma sequela, e os meus seios eu não gostava muito, aí coloquei silicone. Agora o resto, ou gosta ou tchau.

Entrevistador: Sempre foi uma coisa que partiu de você?

Lívia: Sempre partiu de mim, da minha preocupação, de eu me olhar no espelho “ah não tá legal isso” ir lá e me cuidar. Nunca por pressão.

Entrevistador: Você acha que existe alguma estética (estereótipo) de passista? Se sim, como você acha que é?

Lívia: Relacionado ao corpo, não! Eu acho que não tem mais essa. Eu acho que pra ser passista a pessoa precisa saber sambar realmente, porque hoje em dia... agora que eu estive no Rio, eu percebi que o pessoal não está mais valorizando o samba no pé, tá valorizando a artista de novela, a modelo, a *tiktoker*, a famosa. Agora as mulatas de samba no pé, eu não vi, eu senti falta.

Entrevistador: Sim, entendi. O pessoal tem criticado bastante que estão preferindo as famosas, blogueiras, pessoas que dão engajamento.

Lívia: Isso! Rainha de carnaval é uma atriz que não sabe sambar direito. Enquanto as passistas de verdade estão se matando em ala. Então eu acho que, pra mim, isso deixou muito a desejar, agora que eu fui no Rio. Fiquei muito triste.

Entrevistador: Mas em contexto de casa de show ou de viagem, você acha que existe uma estética, uma cobrança do que é uma passista?

Lívia: Então, quando eu fui para a China, só fui eu, só eu passei como passista. Só tinha eu de passista e as outras eram bailarinas. Então tudo que se tratava de samba era eu que fazia, agora aqui nas casas de show que eu trabalho, aqui qualquer uma é mulata. qualquer uma que não saibam sambar, mas é bonita e tá com o corpo legal eles jogam pra mulata. Agora não muito, porque só tem o Rafain e no Rafain está a Rubi, a Rubi é mulata. Mas antes da Rubi, tinham umas pessoas lá que pra mim, no meu conceito de 20 anos, não eram mulatas.

Entrevistador: Como é esse tipo de pessoa que eles escolhem?

Lívia: Malhadas, siliconadas. Malhadas principalmente.

Entrevistador: O que as pessoas esperam de você como passista?

Lívia: Ah! Eu acho que onde eu trabalho, eles gostam muito do meu carisma. Eu acho que é isso, porque eu não tenho um corpão, eu sei sambar, mas eu não tenho corpão. Eu acho que as pessoas que me chamam até hoje pra trabalhar é porque gostam da minha pessoa, do meu trabalho e do meu carisma, principalmente.

Entrevista com Thatiana Jackson

Entrevistador: Quem é você? Se apresente... (nome, idade, profissão, escolaridade, de onde é e onde mora)

Thatiana: Meu nome é Thatiana, mais conhecida como Tati Jackson, artisticamente. Eu tenho 41 anos. Eu moro aqui em São Paulo, na cidade de São Vicente, moro aqui desde que eu nasci. Nasci em Santos e depois vim morar em São Vicente, que é litoral de São Paulo. Sou técnica em segurança do trabalho e de meio ambiente. Porém não trabalho nessas duas áreas. Eu sempre trabalhei com o público, ou como vendedora ou como promotora de vendas, mas meu forte mesmo é promoção de vendas e dança. Sou dançarina profissional, então eu estou sempre envolvida na minha vida com a parte artística. Mesmo que eu trabalhe com outras coisas, a dança está sempre envolvida na minha vida, profissionalmente. E é isso! Eu sou a Tati Jackson.

Entrevistador: Como você aprendeu a sambar? (onde, com quem)

Thatiana: Na verdade eu não aprendi a sambar com ninguém, o samba veio de raiz, veio comigo. Eu na verdade nasci como dançarina mesmo dançando e me aperfeiçoei em *street* e ao longa da minha vida com dança, depois que eu tive o meu filho, eu vi que eu sabia sambar a minha família toda sempre foi pra pagode, normalmente os brasileiros gostam de samba, as famílias brasileiras gostam de pagode, a gente vive nisso ainda mais os negros, os afrodescendentes são mais envolvidos com o gueto, o samba o pagode e isso não fogia da minha raiz com a minha família. Então eu sempre frequentei pagode, pagodinho, pagodão, samba mesmo, que aqui na minha cidade também tem, como no Rio de Janeiro, desfiles de escola de samba. Eu sempre frequentei, só que eu não sabia que eu sabia sambar, eu fui descobrir depois que eu tive o meu filho, num concurso que eu fiquei com o corpo muito bonito depois que eu o tive, fiquei com um corpão e aquilo chamou atenção de algumas pessoas que falou “poh! porque você não participa do concurso”. Era banda na verdade. E aí eu fui participar. Só que eu não sabia o que tinha que fazer pra participar do concurso. Aí falaram pra mim assim: vê o Caldeirão do Huck e vê como as mulatinhas fazem. É o quesito daquele concurso, é igual ao Caldeirão. E foi assim que eu descobri que eu realmente sabia sambar no pé, que eu sabia sambar rápido. É diferente o pagode, quando você dança samba assim devagar do quando você samba no ritmo de escola de samba e eu vi que ali eu realmente tinha jeito pra a coisa. E aquilo foi crescendo, eu fui vendo também as pessoas, fui me espelhando nas sambistas mesmo do concurso do Caldeirão do Huck, que tinha a musa do

Caldeirão. E aquilo foi me incentivando, mas não que especificamente eu fui numa aula de dança, alguém me pegou pelo braço e falou “olha é assim e assado” isso não existiu. Fui eu mesma que descobri e acabei vendo que eu tinha jeito pra a coisa.

Entrevistador: Você falou que sua família é do pagode, alguém na sua família também é artista?

Thatiana: Não, eu digo assim, minha família é farrista. Eles saem querem ir pro samba, às vezes tem pessoas que vão pra baile/discoteca. Minha família não, eles tinham de ir pra samba. Então desde pequena eu fui criada no pagode, no samba, e aquela roda de samba, você já se acostuma com aquele ritmo. E fatalmente quando eu era criança eu dava aquelas sambinhas, mas era uma coisa assim que eu não era meu foco, eu não via aquilo como foco para a minha vida. Tem meninas que nascem querendo ser rainha de bateria, tem sonho e não era o meu caso. Eu cresci no pagode e simplesmente quando mulher, com 22 anos, descobri que sabia sambar. Foi isso.

Entrevistador: Esse concurso era para entrar numa banda?

Thatiana: O meu primeiro concurso que eu participei era o Churras Good. Eu participei com o incentivo da família inteira e dos meus amigos. Ganhei o concurso e virei a rainha da banda. Depois que eu virei rainha dessa banda, eu virei rainha de umas dez bandas aqui na cidade. Foi um mar de bandas que foram me chamando, eu nem precisei mais participar de concurso porque foi uma fase que me descobriram, eu era nova no samba e minha família sempre foi X9ana, eu sempre vi os desfiles da Agremiação X9 de Santos. E com essa coisa de banda, de eu sair na banda e estar sempre com a bateria, resolvi ir na escola que a minha família frequentava. E aí eu fui na X9 e aí lá eu também participei do concurso. E aí eu ganhei também como rainha.

Entrevistador: Com quantos anos você se tornou passista?

Thatiana: Então, como passista de escola de samba foi com 23. Exatamente 23, porque meu filho já tinha 3 anos quando eu comecei nessa vida. Eu fui participando de concurso, como falei anteriormente, ganhei um monte de banda aqui. Banda seria bloco, como se fosse na Bahia que tem bloco, aqui tem bandas. A gente fala que é banda, não é escola de samba é banda. E aí tinha vários concursos, tinha várias coisas que eu participei. E aí a minha carreira alavancou mesmo quando eu entrei nessa X9, porque a X9 tem o nome muito forte aqui em

Santos, é uma escola antiga, é a mais antiga na verdade. Ela é a quarta escola mais antiga do país, existe a Portela e existe a Mangueira, mas a minha escola é a quarta. Depois que teve algumas escolas no Rio tiveram aqui em Santos, porque só Rio e Santos tinham carnaval, depois que foi para a grande São Paulo. Então essa escola de samba que estou, que fiz o meu nome, a X9 de Santos, eu virei rainha, fui rainha durante muito tempo desde 2007 e eu tinha 23 anos, na época. E aí de lá pra cá é só samba.

Entrevistador: Você tem isso como profissão?

Thatiana: Eu queria como profissão, porque profissão é aquilo que você se mantém, que você vive daquilo, não é o caso. O samba me proporcionou, graças a dança, porque eu sou dançarina profissional, não sou sambista, graças ao samba eu conheci outros países lá fora. Eu digo graças ao samba porque depois que eu entrei em escola de samba vieram os convites para fazer show de mulata lá fora do país. Então quando eu viajei pra fora do país eu podia dizer que naquela fase que eu estava viajando eu estava no samba profissionalmente porque ali eu não trabalhava mais em lugar nenhum, fui viajar pra fora pra fazer show brasileiro e ganhar. Toda vez que eu voltava pro Brasil eu voltava para a realidade, a realidade que a gente não gosta, né! Que é pegar no batente, trabalhar normalmente, pegar emprego normal, serviço normal e a dança ficava como *hobby*. Infelizmente no Brasil a cultura não é valorizada, a não ser no Rio, o Rio é o foco, no Rio de Janeiro realmente é o ano inteiro, eles vivem do samba. Em outros estados do Brasil é difícil a gente só viver de samba. Rio de Janeiro pode até ser que as mulheres as mulatas consigam porque tem muito show, muito gringo, muitas casas, muitos eventos. Em São Paulo não é bem assim, e acredito que em Minas Gerais também não é, Espírito Santo e em outros não são assim. Então eu tenho como um *hobby*, mas eu queria na verdade viver da dança mesmo, do samba.

Entrevistador: Já foi assediada? Se sim, como você lida com esse assédio? e onde aconteceu?

Thatiana: Eu sou assediada o tempo todo. Na nossa posição de frente de bateria o assédio é o tempo todo. Eu já fui assediada pelo meu próprio mestre de bateria, que foi um grande idiota, que ficou à frente da bateria. Até site nome, foi o Jeferson, ele até já saiu e tudo, saiu devido a algumas situações e depois algumas pessoas relataram o assédio, que não era só comigo, era com outras mulheres também. Então eu vinha com meu short branco pra ensaiar, porque a gente tinha que ir bonita, viçosa, a gente é vitrine, o corpo chama atenção e ele o tempo todo “ai que shortinho delicioso” “ai que shortinho é esse” “com esse short você me mata” coisas assim desse tipo bem vulgar “nossa se eu te pego” “vontade de morder sua bunda”. Eu não

escutei isso só dele, mas de vários outros homens também. É bem difícil isso porque a gente fica meio acuada não tem como eu chegar, vamos supor, meter a mão na cara, de repente ser grossa porque eu me sinto numa situação assim que parece que eu tô provocando aquela situação pelo fato de estar exposta, pelo fato de estar com short curto, pelo fato de estar sendo uma vitrine. Então você fica meio acuada, porque essas pessoas que vinham fazer isso comigo são pessoas importantes daquela escola. Então às vezes você arrumar confusão, arrumar uma briga, denunciar, levar à polícia é capaz de você nem tá mais naquela posição. É capaz de você ser... não que você vai ser retirada, mas de repente acontecer alguma situação e as pessoas não querem que você fique porque você tá falando de todos, porque não é só um homem que faz isso é desde presidente a mestre a outras pessoas também é muita gente envolvida. O mundo do samba infelizmente... o samba é lindo, mas o mundo do samba é podre, costume falar isso. sambar, a bateria, o toque a música é lindo isso é arte, mas dentro disso é muito podre. As mulheres têm inveja, as mulheres não apoiam outras mulheres, as mulheres têm ciúmes. Porque você é bonita elas não querem ficar do seu lado. Então ficam com raiva porque sabem que de repente o marido vai olhar, o marido vai olhar porque ele é um safado, porque ele tem a mente doentia, porque se ele tem uma mulher do lado dele, ele não tem nem que olhar ele tem que admirar com respeito e não é sempre que isso acontece. então a forma que eu lidava em relação a isso é fingir demência, fingir que não escutei, não dava risadinha quando acontecia isso, eu sabia que era uma cantada, eu ficava bem na minha, séria, as vezes não dava para eu mandar ir a merda (que já senti bastante vontade) mas era meu próprio mestre e a mulher dele estava ali o tempo todo, esse mestre tinha uma mulher. O presidente também tinha uma mulher que era super ciumenta também, muito doentia ciumenta. Então se você for falar elas vão falar que você tá dando em cima, às vezes as próprias mulheres não são unidas, mulher não é unida com mulher. A mulher julga a outra mulher, a mulher se arruma pra outra mulher. Nós deveríamos sermos mais unidas, se eu abrisse a minha boca era capaz de ser espancada ali “ah você tá dando em cima do meu marido” “alguma coisa você falou pra ele tá falando gracinha” “você deu brecha”. A mulher nunca vai admitir que eu to ali que aquilo é uma profissão, que eu estou ali porque, no caso, eu era uma rainha eu tinha um título, uma posição na escola que eu fazia parte e ele tinha que se colocar no lugar dele, simples assim, mas não é tão simples. Então até hoje eu lido com isso, porém eu tiro onda por que eu não olho não dou risadinha olho bem sério e saio andando e é isso. Mas não tem muito o que fazer eu acredito que todas passam por isso, as vezes tem uns que quando é demais você dá um brega e fala... quando eu estava casada eu chegava e falava “sou casada” para com isso, não vai rolar, mas eu agora como solteira não tenho um marido piora a situação. Porque eles acham que tá solteira não tem marido pra defender. Então quando eu era casada meio que pararam ficaram de boa, acho que tinham medo. Mas

depois que fiquei solteira... e minha filha! É complicado.

Entrevistador: É como se o respeito fosse ao seu marido e não a você.

Thatiana: Exato, exatamente isso.

Entrevistador: Essa situação ocorria tanto com pessoas da escola como com o público?

Thatiana: Sim, pessoas da escola e fora. É uma gracinha ou outra que tu escuta, tu passa, finge demência, aí vem uma pessoa vai tirar foto com você porque você tá naquele momento de que você acabou de ensaiar tá ali tu é vitrine as pessoas querem tirar foto aí você finge demência deixa a pessoa falando sozinha, tira sua foto e vai embora. É uma coisa que eu sempre fiz na escola por isso eu nem procurava ficar ou me envolver as vezes você quer sair da sua posição que é de uma rainha e ficar com a galera, mas eu procurava nem ficar já pra não dar essa margem pra não dar fofoca pra de repente não dar uma margem de “ela ficou ali” “tava dando risada” e a minha risada não ser uma coisa alegre por eu estar na minha escola na minha agremiação, mas sim porque tô dando risadinha pra alguém porque as mulheres são loucas lá também, não só os homens. Então para eu não ter esse tipo de problema eu fazia meu papel que era dançar/sambar na frente da minha bateria, pegava minhas coisas e ia embora. Nunca fui de fazer sala, por causa desses assédios mesmo, para evitar situação de fofoca.

Entrevistador: Você já sofreu alguma crítica sobre alguma característica estética sua, por você ser uma mulher preta? Em que contexto e ambiente isso aconteceu?

Thatiana: Bom! é isso que eu estava me perguntando esses tempos depois da pandemia, que veio a bandeira fortíssima depois que o rapaz morreu enforcado pelo policial, foi bem triste, e veio essa bandeira dos negros, do racismo declarado. eu vou te falar, sinceramente, que o racismo que eu sofri foi na infância, assim, que eu me lembre descaradamente foi na minha infância. Porque nós negras a gente, a sociedade, impõe um modelo de pessoa. As pessoas não podem ser gordas, hoje em dia acabou esse tabu, hoje em dia até existe *plus size*, antigamente não existiam modelos *plus size*. Então o biotipo de uma mulher, é aquela mulher bonita, sem barriga, aquela coisa toda... E é a mesma coisa pra gente negra, o cabelo nosso não era tão assumido como é hoje em dia o *black power* elas usam elas se libertam então na minha infância não tinha um monte de negrinha com o cabelo esvoaçado tipo assim “ah eu sou negra vou assumir minha negritude” existia negrinhas com trança na cabeça porque o cabelo era um problema, nosso cabelo é raiz dura então você vê aquele monte de branquinha aquele

monte de mulher com o cabelo caindo nos olhos, cabelão até a bunda esse nosso cabelo ter essa decendencia então quando cresce, cresce pra cima, quando enche não aquela coisa de cair, porque o cabelo é diferente de negros. Então existia essa parte nossa interna da própria negra que queria ter um cabelo legal, aquela coisa. Então eu ia de maria chiquinha, minha mão prendia o meu cabelo eles me chamavam de mickey falavam “a mickey chegou” porque o mickey tem dois pompons isso, sinceramente, como hoje em dia tá muito... (não sei o que tá acontecendo com o mundo) tudo é problema de depressão, tudo é problema psicológico, eu não fiquei com nenhum problema psicológico por causa disso, eu sou uma pessoa muito bem resolvida, nunca tive problema por causa disso. É que as crianças hoje em dia estão crescendo muito fracas, muito frágeis, não conseguem se defender. Na minha época a gente conseguia se defender, xingava mesmo, saia na mão, normal, coisa de criança. As pessoas precisam aprender a se defender desde criança pra lá na frente poder se impor como cidadão. Se você não faz isso quando criança, você não vai saber nunca se proteger. Então eles me xingavam “neguinha sarará puxa o rabo pra cagar” era esse tipo de situação. “nega medusa nega do cabelo duro que não gosta de pentear” foi a pior música que ele inventou, porque virou uma sátira e aí os meninos branquinhos cantavam. Nessa parte era um racismo descarado, “nega do cabelo duro” “nega pixains” isso eu sofri muito minha infância inteira, mas eu sabia sair daquela situação, porque eu não era flor que se cheirasse, eu não levava desaforo pra casa. E não tinha esse negócio de polícia ou alguém vim... e a mãe das crianças brancas de quando falava essas coisas batia mesmo, pegava a cinta dava porrada pra aprender que você tem que respeitar o coleguinha que hoje em dia tem o negócio da palmadinha. As pessoas aprendem a respeitar as outras na porrada mesmo conversando, é claro. Só que na época da minha avó e da minha mãe sempre apanharam e não é por isso que não viraram gente, não é por causa disso que se transformaram em bandido. Às vezes as pessoas tem que aprender na dor mesmo. Na minha época os pais faziam isso, que eu os via repreendendo os filhos, eu tenho certeza que eles não fizeram mais depois que cresceram. Então o racismo que eu sofri foi nesse aspecto, depois de adulta se eu sofri racismo no serviço foi algo tão sucinto que eu não percebi. Coisas assim com dança, da escolha existe sim. Quando você vai fazer uma viagem de navio, por exemplo, eles preferem a bailarina clássica, branquinha e tal, aquela coisa toda. E aí eu senti nesse aspecto, a escolha. Lá fora tem muito isso, né! De tipo: você vai fazer um trabalho com dança e eles só querem as russas. Nesse aspecto também senti, especificamente Go-gos¹⁴ e tal... Mas aqui no Brasil depois dessa parte da infância eu nunca tive esse problema. Sempre olhei nos olhos e falei a minha verdade, talvez por isso eu não sofri descaradamente como várias pessoas sofrem mesmo.

¹⁴ Go-go dancer: dançarinos que trabalham no entretenimento de festas e casas noturnas.

Entrevistador: É mais na questão da dança mesmo. Você que trabalhou fora, por exemplo, sentiu que portas se fecharam pra você?

Thatiana: Sim, porque eu não era russa, branquinha, alta. Mas é mais o tom da pele mesmo. Até cashing mesmo agora para a Turquia os últimos *cashings*... teve um rapaz que nem fechou mais para a Turquia ele falou que não vai fazer, porque os caras querem brancas, eles não querem negras. Se você quer mulata, você quer representar o samba... Você quer branca? O Brasil não é branco que representa o samba, são as negras as misturas, as mestiças. Não existe uma branca, loira representando o samba. Isso também é uma forma de preconceito, mas assim: se você for ver a nossa cultura, não são elas que representam o samba, são as negras e as mulatas. E o cara quer contratar loira, que contratar branca. Então o contratante nem contratou mais ele falou que não ia fazer. Teve um contratante que falou: eu não vou, você tá falando com a pessoa errada, você tá fazendo um trabalho errado. Como é que você quer contratar branca pra fazer show de mulata? Não faz sentido nenhum. Então ele deixou de trabalhar com aqueles profissionais. Isso não é profissional, são racistas, preconceituosos.

Entrevistador: Você já passou por algum tipo de pressão para mudar algo em seu corpo por causa da profissão?

Thatiana: Pressão tem todo tempo, né nega! Pressão tem todo tempo. Quem trabalha com a dança no Brasil, principalmente com o samba, a gente vê, a gente fica vendo aquelas vitrines aquele peito, aquele silicone, aquela bunda perfeita (que não existe bunda perfeita, só malhando muito ou colocando silicone na bunda), uma lipo. Então é pressão o tempo todo, não ser gorda é uma pressão, graças a deus que eu também, não sei se “graças a deus” porque eu não sou uma pessoa que sou preconceituosa com pessoas mais fortes, não tenho tendência, minha família não tem tendência a ser mais cheinha. então eu vou ser sempre esse biotipo, mas se eu tivesse tendência a engordar disparadamente por bobeira, nossa! Seria uma frustração total eu teria que ficar o tempo todo no regime, passando fome. É que eu não tenho tendência a engordar, mas a nossa profissão exige muito da gente. Como eu falei, nós somos vitrines, então querem uma boa perna, uma boa bunda. Eu comecei do ano passado pra cá, já que eu não faço academia porque eu não gosto, a fazer massagem modeladora. Porque a massagem modeladora que tira as imperfeições que é a celulite, as gorduras. A academia vai te ajudar a crescer e definir, mas ela não vai tirar a celulite, mesmo você pegando vários pesos. O que te ajuda a tirar essas imperfeições é estética, massagem, tratamento estético para tirar estria, essas coisas, queimar não sei o que... então a gente acaba virando escravos disso daí. Nunca sofri pressão na minha escola de samba, a qual fui madrinha lá. A pressão era pra

eu tá bonita com roupas diferentes, roupas novas e roupas de samba são caras pra caramba. Então essa era a exigência, os vestidos e tal, tinha que trocar, toda hora a mesma coisa não dava.

Entrevistador: Mas você já sentiu pressão em relação a sua estética como: cabelo, unha, essas coisas assim?

Thatiana: Sim, com certeza, é tanto que eu tenho mega hair, o mega hair tá na cabeça. Não dá pra ficar de cabelinho curto. Como é que eu vou fazer um show com aquele cabelinho curto? Ou cabelo que não coloca rabo, tem que colocar um rabo atrás pra dar aquela imponência. Sobre isso sim é uma pressão. Você acaba sendo pressionada a fazer coisas que talvez você não precisaria em outra profissão. Mas ali você tem que tá linda, então é uma unha, se você tem a unha curta que não cresce tão rápido então você tem que colocar pra dar aquela coisa aquele tchan. É um gasto a mais, é o que eu falei da massagem modeladora também. Eu sempre tive vontade de colocar peito, mas não por causa da escola de samba, é porque eu tive filho virei mãe, o meu peito ficou caído, quando eu não tinha Wesley o meu peito era bonitinho, duro, redondinho. Desde que eu o tive, mesmo antes de entrar na escola de samba, eu não me conformava com o meu peito caído. “Ai meu deus meu peito caiu um dia eu vou colocar silicone” e ficou nisso de um dia eu colocar e acabei entrando no mundo do samba que é pior ainda que exige ainda mais. Mas graças ao bojo a gente se salva, né nega! Porque bunda a gente tem, que é o mais importante, o peito a gente arruma um bojo enquanto não temos dinheiro para o silicone.

Entrevistador: Você acha que existe alguma estética (estereótipo) de passista? Se sim, como você acha que é?

Thatiana: Eu acho que a passista de escola de samba... Eles impuseram, a sociedade impõe, uma mulher que tem que ter o bundão, um peitão, uma puta coxa. Eu acho assim: quanto maior você é menos samba você vai mostrar, porque quanto maior você é... os músculos, primeiro que se você faz academia você vai ficando contraída, aquela musculatura toda, porque é músculo. Então não venha me dizer que você vai ficar leve do jeito que você era antes que não vai. quando você dança... a dança em si quem já tem isso dentro da pessoa o samba no caso nasce com o dom de sambar ela vai sambar de qualquer jeito, gordinha ou não, que eu vejo vários vídeos de plus size que sambam mais que aquela magra. Quando a pessoa é magrinha, magrinha eu digo assim: não precisa ter muita bunda, uma bundinha normal, um peitinho natural... Ela vai tá mais leve pra sambar, ela vai tá mais leve pra mostrar o samba,

pra fazer coisas dentro do samba, porque não é só sambar é fazer umas firulas. E quanto maior você é você vai cansar mais, certeza que as mulheres grandalhonas não aguentam nem um minuto sambando. E o samba nada mais é quando se é passista é mostrar o samba, a pessoa está ali pra sambar, não é só mostrar um corpo bonito. Então acho que essa coisa que impuseram, a sociedade do samba impôs uma mulher grandalhona pra tá sambando, eu acho besteira. Porque tu pegas uma por uma que é muito grande demais, eu digo aquelas mulheres com peitão mesmo, tu vai ver, quando vai sambar na bateria, samba um pouco e já cansa. A não ser aquela que veio de raiz que era magra, por exemplo a Evelyn Bastos, ela não tinha aquele peito todo quando começou, não tinha aquela coxa toda. ela começou a crescer depois que virou a rainha da mangueira, mas ela já sambava, vem dela. mesmo assim ela não é hiper grandalhona. Eu pra mim mulher de samba tem que ser mulher realmente com curvas, porque fica muito mais elegante o samba (bonito); uma cintura legal; uma bunda bonita; o peito indefere se tem silicone ou não tem e tem que saber sambar, o mínimo é isso. Não adianta ser linda, maravilhosa, toda montada, trabalhada, uma bunda de pedra e chegar a hora de sambar e não samba nada... Eu acho que uma coisa une a outra. Mas uma boa elegância, um bom samba no pé, um corpinho leve, eu acho que isso conta bastante.

Entrevistador: É isso! Encerramos por aqui. Você tem algo a acrescentar?

Thatiana: Obrigado por essa entrevista maravilhosa. A gente acabou se conhecendo ainda mais, você conheceu a minha história. Queria te dizer que eu tenho um filho de 20 anos, meu companheiro, meu amigo, meu parceiro. Ele me apoia muito nas minhas coisas, adora me ver sambando, dançando. É meu amigo meu parceiro, desde pequenininho estava comigo na X9 quando ele tinha 3 ou 4 anos eu o levava, ele ficava deitado nos bancos lá e dormia ao som da bateria. E ele é meu companheiro, é uma pessoa que me apoia em tudo que eu faço, meu amigo mesmo. Então eu sou muito feliz, muito grata pelo filho que eu tenho, por dançar e ser apoiada por toda a minha família. E é isso, eu sou muito feliz.

Entrevistador: Eu agradeço demais pela entrevista. Eu acho que foi de uma serventia gigantesca pra mim, pro meu TCC, para a minha pesquisa. Muito bom que eu conheci um pouco mais da sua história também, porque a gente se conhece meio assim... uma acompanha a outra pelas redes sociais. Gratidão.

Entrevista com Érica Alves

Entrevistador: Quem é você? Se apresente... (nome, idade, profissão, escolaridade, de onde é e onde mora)

Érica Alves: Olá, me chamo Érica Priscila Costa Alves, mais conhecida como Érica Alves, o meu nome artístico na área da dança, tenho 36 anos, comecei a dançar aos meus 13 anos de idade, tenho dois filhos um de 14 anos e um de 16 anos, sendo que o mais velho já tem um filhinho de um ano de idade então, graças a Deus, além de mãe sou avó. Sou dona de casa e dona dos meus próprios negócios, seja minha profissão, a minha vida, uma mulher totalmente independente, dona das minhas próprias finanças e das minhas contas. Comecei a dançar em bandas de forró, uma banda que tinha próximo a minha casa desde lá até então eu nunca parei. Um sonho que eu tinha era levar minha dança para fora do Brasil em 2022 eu conquistei. Outro sonho era ter meu meio de transporte que eu conquistei em 2021, tenho minha própria motinha para andar para cima e para baixo. Fiz a escolaridade completa até o 3º ano do ensino médio, fiz alguns cursos: contabilidade, animação, fiz cursos de danças, me profissionalizei para dar aulas em academias e levar um pouco da minha dança para algumas e com ela consegui também com algumas alunas, que tinham problemas psicológicos, fazer com que elas se curassem, elas sofriam de depressão. Então, sou muito grata a Deus por ter me dado a oportunidade dessas conquistas, sou muito feliz e é sobre isso. Tenho uma família linda, minha família é muito unida graças à Deus, e é isso, estou no exterior fazendo o que mais eu amo que é dançar e tendo meu trabalho ganhando meu dinheiro para sustentar os meus filhos.

Entrevistador: Faltou falar de onde você é e onde você mora.

Érica Alves: Sou de Natal, Rio Grande do Norte. Agora estou morando na Turquia, mas morava na zona norte de Natal no bairro Potengi no conjunto Soledade II.

Entrevistador: Você poderia deixar mais claro qual é a sua profissão hoje?

Érica Alves: Hoje sou dançarina. Antes de vir para a Turquia eu tinha um grande sonho de que as pessoas reconhecessem a profissão de dançarina. Que é uma profissão que as pessoas não reconhecem como profissão e sim como um *hobby*. E eu consegui realizar quando minha carteira foi assinada como dançarina, eu trabalhava no corpo de baile do hotel Ocean Palace, no qual eu já tinha trabalhado, mas tinha trabalhado de animadora, comecei em 2008 até antes

de viajar para a Turquia trabalhei em diversos hotéis de Natal como animadora que é uma das minhas profissões também. Mas, hoje eu trabalho como dançarina.

Entrevistador: Como você aprendeu a sambar? (onde, com quem)

Erica Alves: O samba na minha vida ele veio na verdade assim de surpresa porque eu nunca esperava, nunca imaginei que eu fosse estar dentro de uma escola de samba até porque em Natal as escolas de samba não são muito reconhecidas. Natal tem um probleminha de... alguns bairros, não vou dizer todos, mas não reconhecem muito a nossa cultura. Em 2018, me fizeram essa proposta de competir no concurso da rainha de carnaval de Natal e eu meio que desacreditada não queria ir porque toda hora eu me perguntava o que eu iria fazer lá. Aí fui me preparar para isso. Na verdade, eu sempre gostei de samba, sempre gostei de pagode, fui casada com um pagodeiro, mas não esperava que eu fosse parar dentro de uma escola de samba sambando, levava isso como diversão, ia para os pagodes sambava e me divertia. Em 2018 surgiu esse convite e desde lá, não esperava essa repercussão toda do samba na minha vida. Participei do concurso, sai em 4º lugar e como não ganhei fui desfilar com uma escola de samba Acadêmico do Morro do bairro de Mãe Luiza, e todo mundo perguntava se eu era de lá, não era, mas representei uma escola que graças a Deus me apoiaram e me acolheram com muito carinho e muito respeito. Em 2019 voltei para o concurso, fui competir mais uma vez pela Acadêmicos Do Morro e tive essa honra de ser a rainha e representar minha cidade. Em 2020 voltei e fui bicampeã, então, o samba veio, ficou e não larguei mais. Não entrei sozinha, tive muita ajuda, tive uma pessoa chamada Nayane Nunes que me apoiou muito, ela me ensinou muito, por que quando a gente começa a sambar a gente acha que a gente sabe demais, mas assim, existem vários estilos: existe o samba, existe o pagode, existe a gafeira, enfim, existem vários estilos. eu sambava eu não sambava o samba, eu estava lá “pinotando” achando que estava sambando, mas estava só “pinotando”. Então, eu tive uma professora muito boa comigo, puxava muito minha orelha, mas aprendi muito com ela, sou muito grata a ela por isso.

Entrevistador: Você aprendeu com ela aonde? Aqui em Natal?

Érica Alves: Aprendi em Natal, ela tem uma família muito conhecida entre as danças populares, eles começaram a dançar nos astrais, viajaram para fora também, eles levam essa cultura a família toda, do pai as três irmãs, levam essa cultura para todo mundo.

Entrevistador: Você que a procurou para fazer aula? Ela que procurou? Onde ocorriam as

aulas?

Érica Alves: Quando eu comecei, quando eu tive o convite para representar a escola, no concurso, me indicou ela para que ela me desse esse apoio para que eu soubesse o que eu estava fazendo porque na verdade eu entrei, mas verdade eu não fazia ideia do que eu ia fazer lá, por que em 2014 quando eu entrei lá eu fui para o concurso da rainha, mas me jogaram, pensava que era só desfilhar na passarela, não sabia nem porque eu estava lá. Então a escola foi lá, ela era madrinha da bateria da escola, eu ia para casa dela em Felipe Camarão e fazíamos o ensaio lá.

Entrevistador: Tem alguém em que você se inspira? Alguém que você tem como exemplo e modelo para você, no samba?

Érica Alves: No samba eu tenho muitas inspirações, mas em primeiro lugar ela (Nayane Nunes), ela que me passou todos os detalhes, uma pessoa muito maravilhosa. E para a dança a minha inspiração é a minha mãe, ela tem 51 anos, ela é dançarina, mas é mais por *hobby* mesmo, é uma coisa dela. Pra ela é a vida dela dançar, ela tem o próprio negócio dela, tem a vida dela, o casamento dela, mas em todas as aulas da academia ela está, ela faz belly dance, danças populares, samba. Então, minha inspiração maior é a minha mãe na dança.

Entrevistador: Com quantos anos você se tornou passista?

Érica Alves: Bom, em 2018... deixa eu fazer as contas, estou com 36, fazem 6 anos. Com 30 anos eu participei do meu primeiro concurso valendo. Quando você é rainha precisa seguir a agenda do prefeito, não é liberado você desfilhar com a escola, mas quando você não ganha seu compromisso é com a escola. Então, creio que realmente me tornei a partir de 2018 com 30 anos quando eu tive minha primeira experiência na avenida e na verdade a minha primeira experiência com carnaval da minha cidade, porque quando eu não desfilava ou não participava de concurso eu em todos os anos eu estava dançando com bandas, então, nunca ficava em Natal, em datas comemorativas sempre passava no meio do mundo trabalhando, porque a área que eu escolhi foi dançar. Então eu sempre estava trabalhando com as bandas nos interiores de RN, nunca estava presente no carnaval de Natal. Aí em 2018 eu tive essa honra de participar do carnaval de Natal.

Entrevistador: Você tem isso como profissão?

Érica Alves: Hoje sim, porque eu danço e ir para o outro lado do mundo onde você mora e onde você estava. A dança eu já tinha como profissão, mas para muita gente falava que eu vivia no mundo da imaginação e depois que minha carteira foi assinada eu fiz questão de mostrar para o mundo que a dança seria minha profissão porque estava assinada na minha carteira de trabalho: “cargo: dançarina”. E passista é profissão, pois tem muitas que ganham o seu dinheiro o seu ganha pão de cada dia através do samba. Eu acompanho muitas que saem do seu lugar para dar *workshop* em vários lugares do mundo, é através dali que elas estão tirando o dinheiro delas e hoje eu estou aqui também, na Turquia, por causa do samba, o samba abriu a porta para fora do Brasil, para mim o samba é uma profissão.

Entrevistador: Já foi assediada? Se sim, como você lida com esse assédio? e onde aconteceu?

Érica Alves: Eu nunca fui, em relação a isso das minhas vestimentas na avenida, tanto que no edital quando você é rainha você tem coordenadora, você tem segurança, você tem um motorista. E o segurança é pra justamente esse tipo de coisa, esse tipo de situação de vir um gaiato, porque principalmente no carnaval as pessoas tomam todas ficam loucos e essa é uma desculpa pra dizer que foi através do álcool que aquilo aconteceu, na verdade a pessoa já tinha a coragem e coloca culpa numa coisa que não tem nada a ver, descarados. Mas não tive em relação a isso. Até mesmo uma vez eu estava com uma roupa, o rei levou uma dedada e eu tranquila ninguém mexeu comigo. Assim... assédio, assédio eu só tinha mais verbal e não era nem de homens era mesmo de mulheres infelizmente hoje em dia o mundo tá muito competitivo entre uma mulher e outra, mas eu ouvia piadas de baixo nível e eu não me incomodava e me incomodava ao mesmo tempo, não revidava, mas assim mexiam um pouco comigo com o meu psicológico devido a uma mulher. Caramba! Se fosse de um homem eu até... mas de uma outra mulher? Mas em relação a me tocar, a levar dedada, a puxar minha roupa, nunca aconteceu comigo.

Entrevistador: Mas já aconteceu verbalmente de alguém falar alguma coisa com você? Como foi essa situação?

Érica Alves: Falavam muito em relação ao corpo, ao meu corpo, e outras coisas também. Ao meu corpo não me atingia, me atingiam mais, que eu carrego até hoje, era de ouvir assim “não nasceu em berço de samba e já quer ser o que não é” isso eu levo até hoje. Porque assim, eu posso não ter nascido em berço de samba, feito muitas que nasceram em berço de samba e naquele momento não tiveram a oportunidade que eu estava tendo. Mas antes de nascer em berço de samba, posso dizer que já estava no meu sangue independente de samba, de forró de

axé, seja o que for. E pra estar onde eu estava pra se achar, como dizia certas por aí, eu lutei, eu fui atrás, eu me preparei eu não cheguei de qualquer jeito. Então assim, se você entra numa competição você logicamente não vai pra lá “ah eu só vou pra participar” sim é o primeiro passo, mas você vai pra ganhar, então se você vai pra ganhar você tem que se preparar pra chegar onde chegou. Então ali eu ficava meia sentida. Uma vez também aconteceu de um locutor em uma apresentação de reinado eu chegar, e eu já era bicampeã em 2020, me perguntar e dizer “Nossa Érica! E você como está se achando em ser bi?” com um ar de deboche, de riso. Eu vi que naquele momento não foi uma pergunta de ser bicampeã e sim de ser bissexual. Aí falei “Eu amo tudo isso independentemente de você ser bissexual, de ser o que você perguntar, mas a vida é pra ser vivida e eu não tenho preconceito com nada e eu amo toda a minha trajetória e até de ser bi como você acha que você deve me perguntar” aí ele falou “Não, não estou falando sobre isso”, mas eu: “Respondi como você tinha falado” aí ele “Não, como bicampeã” eu disse “Maravilhosa”. Até minha coordenadora falou “Nossa Érica! Eu fiquei meio assim quando você olhou pra ele” eu que fiquei meio assim quando ele veio me perguntar, porque a vida é minha tem que ser vivida da forma que eu quiser, não é da forma de quem achar ou pensar que tem que ser vivida. Então assim, são certas coisas, certas piadinhas, certos deboches, certos negocinhos que gostam de cutucar você e a pessoa tem que aprender a ouvir, porque se eu fosse todo tempo tá revidando...

Entrevistador: Você já sofreu alguma crítica sobre alguma característica estética sua, por você ser uma mulher preta? Em que contexto e ambiente isso aconteceu?

Erica Alves: Já mulher, por causa dos meus cabelos na época da escola. Na escola cantavam uma música que super me irritava que era “nega do cabelo duro que não gosta de pentear”. Meus cabelos hoje em dia são assim, mas com muita química, que se não fosse no tempo de hoje eu não teria botado tanta química teria deixado ele black mesmo. Mas na época que eu estudava não era assim, meu cabelo era aquele que pegava assim e puxava ficava aquela franja aqui lá em cima bem Chitãozinho e Xororó, era muito cabelo. Um primo meu cantava “cabeleira, cabeluda, descabelada”. Assim, meus cabelos sempre eram uma crítica muito grande minha. Hoje em dia eu to deixando-o voltar ao natural, porque eu acho lindo. Mas naquela época eu achava ridículo porque as pessoas me achavam ridícula.

Entrevistador: É! Eu já passei coisas com o meu cabelo também, me chamavam de sol, diziam que meu cabelo era duro, só que falavam num sentido ruim pra eu me sentir mal. E olhe que meu cabelo é cacheado, ele não é crespo, eu também acho maravilhoso cabelo crespo. Enfim...

Érica Alves: Eu fui casada com um português já, no Brasil. Nós nos conhecemos no hotel e assim, quando a gente saía pra qualquer canto as pessoas achavam que eu era nem mulher dele, achavam que eu era rapariga, por ser preta. E daí eu, por várias, vezes ficava constrangida pedia pra ele nem pedir cardápio nem falar nada com o garçom. Eu mesmo ia tomava a frente e falava, já pra eles não estarem deduzindo coisas que acham, que pensam, mas que não sabem. Então aqui fora a mulher preta é sempre criticada em relação a isso. Meus filhos, eu tenho um mais clarinho e um mais pretinho. Então quando ele sai pra qualquer canto ele tem o jeito dele de se vestir de gostar de Lacoste, de botar uma corrente, botar um relógio. Todas as vezes eu fico falando pra ele “não saia de tal jeito” porque é capaz que a polícia pare você achando tal coisa por ser preto, não faça isso porque o racismo que as pessoas têm vai julgar você por ser preto. Aí ele fala assim “não mãe! fica tranquila”. Mas só e simplesmente o ser humano é preconceituoso dentro de si vai haver o preconceito. Por nós sermos pretos somos julgados, somos apontados.

Entrevistador: Você já passou por algum tipo de pressão para mudar algo em seu corpo por causa da profissão?

Érica Alves: Sim. Para emagrecer. Principalmente pra fora do Brasil, quando a gente vai viajar pra fora do Brasil... Você é a prova viva disso, quando foi viajar pra fora do Brasil algumas meninas tiveram que manter realmente um físico, porque pra cá eles preferem mulheres magras e altas. Coisa que em Natal não tem muitas mulheres altas, mas eu tive que dar uma secadinha. Eu estava com 63kg e tive que ficar com 60kg pra poder viajar pra fora dançando. E aqui, as mulheres que têm mais oportunidades são as mulheres magras, você tem que manter um padrão.

Entrevistador: Você tem alguma outra situação assim em que você se sentiu pressionada a mudar algo no seu corpo, por exemplo, botar cabelo, unha, silicone...?

Érica Alves: Não, em relação a isso não. Só mesmo quando eu tive que ir, lógico, estética é tudo. Mudança de cabelo... hoje em dia eu sou a louca do cabelo, amo mudar o cabelo. E a gente preta combina com qualquer tipo de cabelo, fico muito linda com qualquer tipo de cabelo, amo todos os tipos de cabelo, tanto que pinte de loiro, acho o máximo. Acho poderosíssima quando tô de cabelo loiro, minha pele fica uma seda, bem clara, fica ótimo, fico maravilhosa. E eu gosto muito dos cabelos orgânicos, mudo sempre, aqui não mudo muito, mas no Brasil você ia me ver um mês com um cabelo no outro mês com outro cabelo.

Em relação a essa pressão de botar um silicone ou fazer uma lipo ninguém nunca me obrigou a fazer nada disso. Até mesmo que a gente tem que ter o bom senso de que se a gente trabalha com aparência a gente tem que tá sempre muito bem apresentável em relação a estética, aparentemente falando. Então essas pressões, não. Até se dissessem assim “você tem que mudar isso” então você vai ter que pagar pra poder ter silicone, fazer uma plástica ou fazer qualquer coisa do tipo. E é um sonho que eu tenho é botar um silicone, fazer uma lipo... mudar só duas coisas: o rosto e o resto, mas não porque eu não sou linda, mas é porque a pessoa não tá satisfeita como esta. Até porque eu fui mãe não consigo mais ter aquela barriguinha em dia como eu tinha com os meus 18 anos. Já foram duas barrigas esticadas. Então eu tenho esse plano na vida botar a lipo e o silicone, ficar mais maravilhosa. 31;20

Entrevistador: Mais do que já é.

Érica Alves: Mais do que já sou.

Entrevistador: Você acha que existe alguma estética (estereótipo) de passista? Se sim, como você acha que é?

Érica Alves: Complicado falar, porque assim eu não acho que seja um... eu acho que seja padrão da pessoa da passista. Então assim pra mim cada uma tem que ser do jeito que é, mas visualmente falando uma passista deve ser bem apresentável, visualmente falando. Mas cada um segue seu padrão de beleza.

Entrevistador: E como é que você acha que seria essa estética?

Érica Alves: Estar sempre bem apresentável, um bom físico, ser vaidosa, unhas, cabelo, uma boa maquiagem nas suas apresentações. Eu falo assim, visualmente falando nas suas apresentações. Um bom figurino de chamar atenção mesmo; brilhos; sempre ter um bom físico; uma boa fantasia; unhas bem cuidadas; sobrancelha; maquiagem, eu acho que a maquiagem é um ponto muito forte, a maquiagem tem que ser aquela maquiagem que deixe você sem ser você faça uma nova criatura em você tem que ser aquela maquiagem que as pessoas não lhe reconheçam; um cabelo, se você tem um cabelo black muda, faça uma nova pessoa uma nova figura. Porque você se expor apresentavelmente tem que ser uma figura pública de responsabilidade, uma figura que não seja mais você deixe de ser Érica Priscila e passar a ser Érica Alves “chegou à rainha”. Pra mim esse padrão aí tem que ser realmente, se você usa essa figura “eu sou passista” na avenida você realmente tem que ser tem que ter um

samba no pé de qualidade.

Entrevistador: É isso Érica! Você tem algo a acrescentar?

Érica Alves: Acho que não, acho que tá tudo certo. Só um conselho a dar. Quem quiser realmente levar isso para frente e for trabalhar com isso sempre aprender mais e mais mesmo que diga assim “eu já sei, já sei muito” a gente nunca sabe muito, nunca sabemos de nada. A gente tem muito a aprender igual a nossa vida todos os dias nós aprendemos algo diferente, algo novo, então se aprimorar cada dia, sempre cuidar muito bem do físico, sempre cuidar muito bem da aparência porque como figuras públicas temos que ter uma boa aparência, ótima maravilhosa, pra chegar em qualquer lugar e não passar vergonha. A gente ter o senso do ridículo, de que se a gente trabalha com pessoas, público, essas pessoas vão ser sempre o juiz, vão estar ali pra sempre te olhar, sempre observar. E se você quer ser uma boa profissional então não deixe a desejar, esteja bem apresentável em qualquer apresentação ou em qualquer lugar que você for, até mesmo dentro do supermercado. É isso! Fica a dica.

Entrevistador: Queria muito agradecer sua participação, você contribuiu muito na minha pesquisa, estou muito satisfeita com a entrevista. Admiro muito você. Gratidão.

Perguntas norteadoras para a entrevista:

Quem é você? Se apresente... (nome, idade, profissão, escolaridade, de onde é e onde mora)

Como você aprendeu a sambar? (onde, com quem)

Com quantos anos você se tornou passista?

Você tem isso como profissão?

Já foi assediada? Se sim, como você lida com esse assédio? e onde aconteceu?

Você já sofreu alguma crítica sobre alguma característica estética sua, por você ser uma mulher preta? Em que contexto e ambiente isso aconteceu?

Você já passou por algum tipo de pressão para mudar algo em seu corpo por causa da profissão?

Você acha que existe alguma estética (estereótipo) de passista? Se sim, como você acha que é?

O que as pessoas esperam de você como passista?



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Artes
Curso de Licenciatura em Dança

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: Rubiana Carvalho Maranhão
DATA DE NASCIMENTO: 09/06/95. IDADE: 27
DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: RG Nº 31052653 GÊNERO: M () F (x)
ENDEREÇO: Av. Das cataratas 1749
BAIRRO: Vila Yolanda CIDADE: Foz do Iguaçu ESTADO: PR
CEP: 85853-000 FONE: (45) 99121-2424.

Autorização do Uso Entrevista e Imagem

Eu Rubiana Carvalho Maranhão, portador(a) do RG: 31052653, CPF nº 068.112.265 - 01 declaro para devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista/questionário e imagens para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Licenciatura em Dança (da autoria de Janielly Firmino Fernandes Barbosa e orientada pelo professor Dr. Marcilio de Souza Vieira,) para usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UFRN que tem a guarda da mesma.
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

Rubiana Carvalho Maranhão

Assinatura

Natal, 13 de maio de 20 23.



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Artes
Curso de Licenciatura em Dança

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: Thatiana de Oliveira Andrade
DATA DE NASCIMENTO: 11/05/81 IDADE: 41
DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: RG Nº 32998391 GÊNERO: M () F (x)
ENDEREÇO: Rua 21 de Setembro 94
BAIRRO: Parque Bitaru CIDADE: São Vicente ESTADO: SP
CEP: 11330070 FONE: +55 13 97409-3453

Autorização do Uso Entrevista e Imagem

Eu Thatiana de Oliveira Andrade, portador(a) do RG: 32998391, CPF nº 28637281800 declaro para devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista/questionário e imagens para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Licenciatura em Dança (da autoria de Janielly Firmino Fernandes Barbosa e orientada pelo professor Dr. Marcilio de Souza Vieira,) para usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UFRN que tem a guarda da mesma.
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.


Assinatura

Natal, 10 de Maio de 2023.



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Artes
Curso de Licenciatura em Dança

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: Érica Priscila Costa Alves
DATA DE NASCIMENTO: 21/07/86. IDADE: 36
DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: RG Nº 002.683.175-01 GÊNERO: M () F (X)
ENDEREÇO: Travessa Serra do Araguaia
BAIRRO: Potengi CIDADE: Natal ESTADO: RN
CEP: 59.127-013 FONE: +90 501 059 02 08.

Autorização do Uso Entrevista e Imagem

Eu Érica Priscila Costa Alves, portador(a) do RG: 002.683.175-01, CPF nº 072.614.164-01 declaro para devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista/questionário e imagens para o Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Dança Curso intitulado Licenciatura em Dança (da autoria de Janielly Firmino Fernandes Barbosa e orientada pelo professor Dr. Marcilio de Souza Vieira,) para usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UFRN que tem a guarda da mesma.
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.

Érica Priscila
Assinatura

Natal, 13 de maio de 2023.



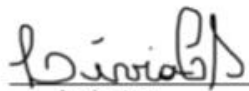
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Artes
Curso de Licenciatura em Dança

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: Livia Costa Santos
DATA DE NASCIMENTO: 01/02/83, IDADE: 40
DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: RG Nº 89682223 GÊNERO: M () F (X)
ENDEREÇO: Av Iguaçú 929
BAIRRO: Vila Yolanda CIDADE: Foz do Iguaçú ESTADO: PR
CEP: 85853-230 FONE: +55 45 98826-0588.

Autorização do Uso Entrevista e Imagem

Eu Livia Costa Santos, portador(a) do RG: 89682223, CPF nº 04290580980 declaro para devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista/questionário e imagens para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Licenciatura em Dança (da autoria de Janielly Firmino Fernandes Barbosa e orientada pelo professor Dr. Marcilio de Souza Vieira,) para usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UFRN que tem a guarda da mesma.
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em cartório.


Assinatura

Natal, 11 de maio de 2023.